

Manifesto Fracasso

Escrever por vias de
pensamento-experimentação

Bruna Peixoto



[Árvore que cresceu desproporcionalmente
quis ser maior que a casa,
quis obstruir a rua,
quis ocupar espaços,
quis frutificar,
povoar,
renascer.

Primeiro podada,
mutilada,
guilhotinada,
não morta.

Toco, casa de insetos, líquens, musgos
Sob o sol tornou-se o abismo de que estas lentes
precisavam para registrar que
fracasso é sim modo de catalisar potências.

Ficcionar é um viver perene.]



Shamash

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: FILOSOFIAS DA DIFERENÇA E
EDUCAÇÃO

Bruna Lima Peixoto

Manifesto Fracasso:

escrever por vias de pensamento-experimentação

Porto Alegre

2022

Bruna Lima Peixoto

Manifesto Fracasso:

escrever por vias de pensamento-experimentação

Dissertação apresentada à
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul (UFRGS), como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Educação, para
obtenção do título de mestra.

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel
Lamela Adó

Porto Alegre

2022

BRUNA LIMA PEIXOTO

Manifesto Fracasso:

escrever por vias de pensamento-experimentação

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de mestra.

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó

Porto Alegre, 18 de maio de 2022.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Paola Zordan (PPGEDU/UFRGS)

Prof^ª. Dr^ª. Kátia Kasper (UFPR)

Prof^ª. Dr^ª. Gilcilene Dias da Costa (UFPA)

CIP - Catalogação na Publicação

Peixoto, Bruna Lima
Manifesto Fracasso: escrever por linhas de
pensamento experimentação / Bruna Lima Peixoto. --
2022.
201 f.
Orientador: Máximo Daniel Lamela Adó.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Fracasso. 2. Educação. 3. Pensamento. 4.
Multimodalidade. 5. OuLiPo. I. Adó, Máximo Daniel
Lamela, orient. II. Título.

Resumo

O presente texto toma o Fracasso Potencial como ponto para um grande rizoma ao deslocar conceitos comuns às práticas nas mais diversas áreas da educação, tendo como pontos de intersecção a Filosofia da Diferença, com Deleuze e Guattari, o Pensamento Fraco, com Vattimo, a Multimodalidade com Mussetta e tudo isso mesclado com boas doses de ironia e exercícios de estilo ao modo oulipiano. Forjado no desassossego, comum ao existir no mundo pós-moderno, este texto decompõe-se em 5 dimensões: 1) Força Gravitacional: o fracasso como potência; 2) Equinócio: o texto como exercício do pensamento-experimentação; 3) Solstício: o OuLiPo como didática; 4) *Três quarks para muster mark*: exercícios de estilo; e 5) Shamash: o jogo inesgotável.

Palavras-chave: Fracasso Potencial. Filosofia da Diferença. Multimodalidade. Pensamento-experimentação. OuLiPo.



Handwritten signature in black ink, consisting of stylized, overlapping loops.



Este texto toma el Fracaso Potencial como punta de un gran rizoma, al desplazar conceptos comunes a las prácticas de los más diversos ámbitos de la educación, teniendo como puntos de intersección la Filosofía de la Diferencia, con Deleuze y Guattari, el Pensamiento Débil, con Vattimo, la Multimodalidad con Mussetta y todo ello mezclado con buenas dosis de ironía y ejercicios de estilo a la manera oulipiana. Forjado en la inquietud, común a la existencia en el mundo posmoderno, este texto se divide en 5 dimensiones: 1) Fuerza gravitacional: el fracaso como poder; 2) Equinoccio: el texto como ejercicio de pensamiento-experimentación; 3) Solsticio: el OuLiPo como didáctica; 4) Tres quarks para muster mark: ejercicios de estilo; y 5) Shamash: el juego inagotable.

Palabras clave: Fracaso potencial. Filosofía de la diferencia. Multimodalidad. Pensamiento-experimentación. OuLiPo.



OU

Máximo Solar

Implosões	9
Maquinando devires, ou a potência inventiva do texto que eu ainda não escrevi	11
1. Força Gravitacional: o fracasso como potência	12
1.1 Fracasso. Imperfeição. Constrangimento	60
1.2 Uma pausa para pensar o pensar	72
2. Solstício: o ensaio como exercício do pensamento-experimentação	80
2.1 Dinâmica relacional: O que faço com o que sinto, com o que leio, com o que escrevo?	87
3. Equinócio: o OULIPO como didática	105
3.1 Docência é ficção?	118
4. Poéticas do Cárcere ou Fragmentos de um Crime doloso	130
4.1 Três quarks para muster mark: exercícios de estilo	153
Baobá	157
Os passatempos de suméria	159
Laborintus	161

Tá tudo pronto, só falta escrever	165
Virgínia	167
5. Shamash: o jogo inesgotável	169
5.1 Um manifesto urgente, sem pressa!	172
Não mexe comigo, que eu não ando só	181

Máximo solar, fim de um ciclo de aproximadamente 11 anos. O campo magnético entra em desordem, buracos coronais conferem outras caras àquele corpo celeste. Os ventos lentos e fortes trocam de posição (AMARAL, 2019). A comunicação falha. Fracassamos na fragilidade da estrela. Resistimos e um novo ciclo começa.

Implosões

Palavrozinha ela,
não é?

Furto ou roubo?

A ela pouco
importava
De arma sempre em
punho,
A caneta
metralhava o papel
Respingando
obscenidades.

Teria ela invadido as
memórias dos
grandes filósofos,
Dos maiores
ficcionalistas,
ou restava-lhe
apenas um acento
desbotado na seção
de canalhas
mentirosos?
[...]

A cada página escrita
sinto meu corpo em
queda-livre.

O que eram, então,
as tais forças fictícias
e a educação
multimodal?

Existe uma vida-
educação-escrita
não ficcional?
Unimodal?

Mas e o salto do
décimo oitavo
andar?

Ou o beijo na
professora daquela
disciplina cujo o
nome ela já nem
lembrava,

Os textos que li e
publiquei. As
discussões
conceituais que
travei com todas as
versões de mim que
vez ou outra partem
para a briga travada
no texto, na fala, no
silêncio...

Todos estes feitos
não passam de uma
farsa?

[...]

Ao palavrar cada
pensamento, cada
instante, cada sentir
não dito,

Ao poemar um
fragmento da vida
em fotografia, em
artes,

Não estamos nós,
vivendo ficção?

Pseudoeruditos com
suas métricas e
textos tão bem
alinhados

Hão de dizer que ela
nada mais fez que
apropriar-se do
alheio, disse ser
quem não era.

Cooptou versos,
reescreveu
parágrafos inteiros,
CTRL C + CTRL V
Combinou-os com
pensamentos outros,

Lançou-se ao modo
OULIPO em um
inesgotável jogo de
experimentação.

E mordaz como a
pequena matemática
de Lewis Carroll

Neste texto ~~agenero-e~~
~~antimoderno~~, esbarra
com Perec, Queneau,
Benjamin

E adentra não o de
Dante

Mas os 5 capítulos do
inferno de uma
docência-vida de
fracasso como
potência.

Maquinando devires ou a potência inventiva do texto que eu ainda não escrevi.

O desterritorializado pensamento filosófico, político, literário se faz texto, dança, corpo, fissura, desvio, criando caminhos outros para intervir-inventar-experimentar com e no mundo. Uma atenta narradora divide lugares de fala e pensar com uma professora personagem que acredita na imanência spinoziana, defende a realocação da noção de fracasso e está bastante encrocada com as leis acadêmicas. Ao longo de um texto minado de significações, são movimentadas produções da Linha de Pesquisa Filosofias da diferença e Educação, do PPGEDU-UFRGS como artefatos para análise do campo de forças em que se constituem essas criações, e o que reverberam em quem as lê e opera com elas.



Colagem-bordado, sem nome, de Heloísa Marques (2020).



Colagem-bordado, sem nome, de Heloísa Marques (2020). Poema de Ana Martins Marques (2017).

Força Gravitacional:

O fracasso como potência

Na relatividade geral, matéria e energia sob qualquer forma, influenciam as propriedades geométricas do espaço e do tempo. Tudo se passa como se este espaço-tempo fosse uma substância com propriedades elásticas afetadas pelos corpos materiais, produzindo buracos nesta estrutura e assim modificando o movimento dos corpos em interação. Estes sulcos no tecido espaço-tempo são maiores ou menores conforme a intensidade do processo gravitacional. A curvatura do espaço-tempo deve ser considerada uma medida da intensidade da força gravitacional (NOVELLO, 2013).

10:53 – Terça-feira, 37 graus e um calafrio incessante rasgava-lhe as costas, impedindo que ficasse perfeitamente ereta. Já havia se passado meses desde o primeiro interrogatório em abril de 2019. Os trajes sempre alinhados, desta vez, deram lugar a um desbotado uniforme. Os pés, antes cobertos pelos sapatos de salto que costumavam marcar um já conhecido compasso pelos

corredores dos longos oito andares da instituição, tef, tef, tef, tef, tef, estavam descalços. Evidenciando os grandes e inquietos pés de quem poderia correr uma maratona sobre brasas se preciso fosse, mas não ficaria nem mais um minuto ali a ouvir as *tonterías* proferidas por aquele nobre júri.

Sabia-se que tinha uma vida inteira pela frente. No entanto, por *contraintes* ou uma sucessão de anti-acasos, tornara-se uma daquelas tristes histórias de quem deixa-se perder pelos caminhos.

Sem escudeiros, alguns cúmplices talvez. Corria à boca pequena que poderia estar envolvida com um culto, seita, grupo religioso. Anti-religioso! Anti-acadêmico!

Como era o nome mesmo? Eram uns meninos estrangeiros que faziam rituais abomináveis com a língua.

[...] possibilidade de incorporação de estruturas matemáticas em trabalhos literários através de métodos restritivos (FUX, 2010).

Ouripô, Olibô... uma coisa assim!

Não é querer falar. Longe de mim! Vocês sabem que eu faço meramente o meu trabalho de narração. Não tenho nada a ver com essa história. Até porque, lá na minha cidade se descobrem que tô andando com essa gente que até pode ser entendida como criminosa... Só Deus sabe o que vão dizer!

Seria ela condenada a pagar pelos crimes que cometeu?

Nem vem! Não vou dar spoiler!

O longo processo, carregado de fotografias, vídeos, mapas, desenhos, entrevistas, apresentava provas contundentes que a incriminavam. E o pior, fora detida por ser reincidente. Mais uma vez cometendo esse crime hediondamente absurdo, insólito e pra quê? Pra que serve esse trunfo? É pra chocar? Só pode! Que projeto maligno essa seita estaria tramando?

A gente e o texto (produzido com e pela gente) é para o que nasce ou pelo que nos atravessa?

Ouvi dizer que ela andava de conchavo com aqueles meninos estranhos: o que escrevia de trás pra frente, o que ficava combinando uns versinhos milhões de vezes. Ah! E tem também aquele outro perturbado que inventou que o negócio de fazer as necessidades era arte.

Pode uma coisa dessa?

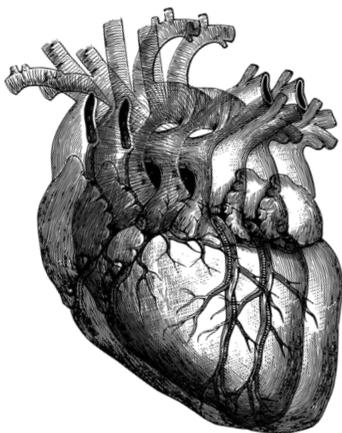
Cumprindo as formalidades que o ato solene exigia, todos ficamos de pé. O representante do júri, que a acompanhava mesmo antes da confirmação do primeiro delito, tentava manter uma certa seriedade e lia em um tom grave as deliberações.

Eu estava no fundo da sala, não conseguia ouvir muito bem. Algumas pessoas cochichavam, mexiam em seus *smartphones*, fotografavam e compartilhavam as capturas desse momento com seus grupos de camaradas. Li, sem querer (Afinal, vocês sabem que eu não sou de reparar na vida dos outros!) que algumas pessoas

estavam enviando as fotos e se comunicando com um grupo de nome estranho, alguma facção, acho que era AtEdPo ou Poëin. Fiquei na dúvida, meu astigmatismo embaça um pouco as *vista*.

Tenho pra mim que essa gente era infiltrada!

Indiciada por desacato à autoridade, estelionato, perturbação à ordem com aditivo de danos morais, o júri analisou todas as provas, documentos e relatos. E por 3 votos a 1 decidiu...



Ai de nós, a cegueira e o preconceito são traços comuns à humanidade em todas as dimensões! Pontos, linhas, quadrados, cubos, cubos extras - somos todos passíveis dos mesmos erros, todos igualmente escravos de nossos respectivos preconceitos dimensionais, como um dos poetas da EspaçoLândia disse: 'Um toque da Natureza torna todos os mundos afins' (ABBOTT, 2002, p.07).

Comece pelo começo, disseram. Mas que começo se eu nem sei escrever? Pense comigo, os longos anos de Letras, de textos acadêmicos com respostas prontas, pensares normatizados, árvores sintáticas, com fichas de leitura e provas sobre o que o autor quis dizer, somados aos anos de aula, com chamadas, planejamentos enquadrados em tabelas, reuniões incontáveis e uma tentativa, sempre ineficaz, de espremer a língua e a linguagem no maldito dualismo de certo e errado, seriam mesmo capazes de aniquilar minha liberdade de escrita, de pensamento e delimitar qualquer prática docente?

*Nasci com este corpo.
Minha língua e meu texto sempre não
de parar por aqui?*

Vergonha! Vergonha! Vergonha!

Procrastinadora!

Funcionária Pública!

Bolsista, mamando na teta do governo!

Ladra!

Invertida!

Aberração!

É por isso que a Educação está do jeito que está!

Viu? Eu falei que não era pra botar esse tipo de gente pra dar aula pra adolescente. Deu no que deu!

Ilustração do livro *As Bruxas: Intriga, traição e histeria em Salem*, de Stacy Schiff (2019).



Em um vil julgamento, dirão que quem não escreve - no acadêmiquês ou literariamente -, não o faz por ignorância, por falta de conhecimento ou por uma formação acadêmica débil. Quando, em verdade, sabemos (tu e eu) que é justamente quando mais precisamos escrever, quanto mais títulos nos pesam as paredes, mais nos é contingenciada a liberdade de pensar-experimentar. Parece que só é digno de ser considerado ciência (LATOURET, 1994), aquilo que cabe em uma forma de pensar-fazer já estabelecida, sacralizada, indexada pelos entendidos da academia, legitimada pelos séculos de sempre foi assim, porque um alemão disse, um francês disse ou um estadunidense testou...

Teria sido em Harvard?

Mas e a variação de contexto (ZULAR, 2018)? E a cultura? E o tempo? E o *devoir-mulher* que me perpassa e constitui (DELEUZE, 1997;

COSTA; IGRAJA, 2020)? E a experiência da consciência de si e de seu estar no caos do mundo?

Sugiro que façamos um exercício! Na famosa citação de *Vigiar e punir*, de Michel Foucault, substitua os termos *um corpo* por *a escrita*:

Não quer fazer por bem?
Então vou apelar; VALE NOTA!
Esta nota.

É dócil ~~um corpo~~ que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que ~~o corpo~~ é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, ~~o corpo~~ está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 2010, p.132).

Nessa lógica, o problema de escrever-ser (ou da não escrita, de não ser) não pode ser encarado como algo pontual, reduzido à forma, porque é tudo. É procrastinação, medo, vergonha

da coisa pensada, receio da tentativa - sempre
fracassada - de ficcionar a experiência, de
tensionar as representações, de esgotar uma
ideia, de recorrer à memória (que pouco lembra
e tanto inventa) de alinhar esse sempre
desalinhado co-criar, essa existência/educação
múltipla,

simultânea,

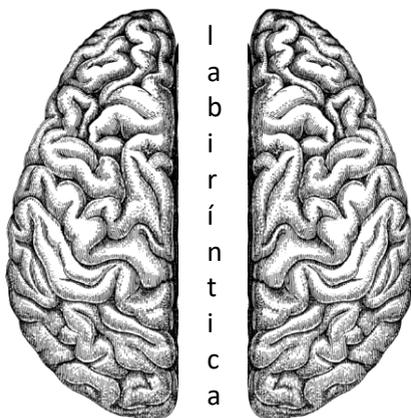
sinestésica,

polifônica,

polimórfica,

si-len-ci-o-sa-men-te

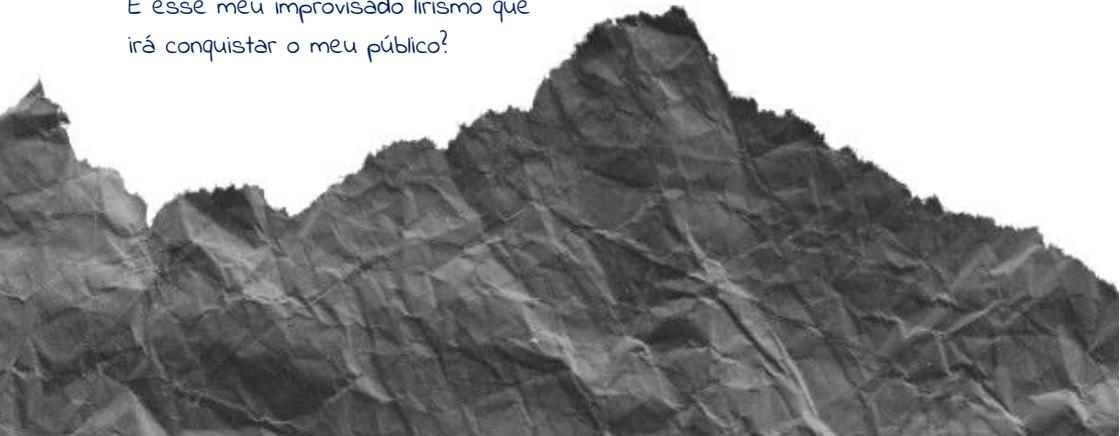
gritante,



e, porque não, monstruosa de fazer-se palavra e pensamento nu diante de um receptor. Haverá nisso uma certa estética da recepção, uma performance de existência, do feminino, da docência (VIANNA, 2001)? Um preparo nas articulações entre texto-corpo, leitores e as potências que disso florescem?

Tantos estilos e tantas formas se alternam e se misturam sem uma solução de continuidade: aos momentos de improvisado lirismo – como quando estrofes de ópera ou de música sinfônica, com aleatória poesia suspendem ou acompanham ações e declamações – se seguem instantes de sarcástica zombaria, de blasfêmia escarnekedora destinadas a serem logo depois interrompidas por instantes de intensidade fulminante. O resultado é uma vertiginosa metástase estilística (BRUNELLO, 2011, p.1914).

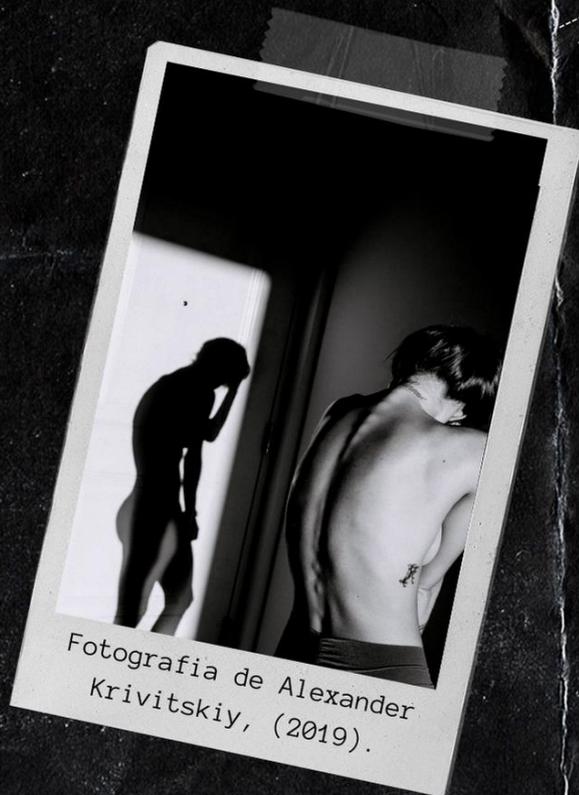
É esse meu improvisado lirismo que
irá conquistar o meu público?



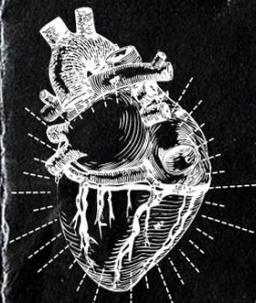
Estética de la recepción es para el que tiene el cuerpo en forma. O mejor dicho, para los que están a gusto con uno mismo, lo suficiente como para no pensar en si, sino en el otro, hasta el punto de ser y darse completamente, uñas, pelos, estrias, cicatrices, carne viva.

Siénteme ahora y...

¡Véeme si puedes!



Fotografía de Alexander Krivitskiy, (2019).



Usar caneta e papel como foice e pedra para trilhar caminhos e edificar distintas moradas para uma escrita e uma docência-vida de pensamento-experimentação é, sobretudo, excuro, a imponderabilidade da criação. É sair da engessada noção de escrita acadêmica ou por inspiração, da docência por dom ou amor, para adentrar no jogo peregrino de esconde-esconde, sendo a criança que “não sabe o que mais teme ou deseja: permanecer escondida, ou ser descoberta” (PEREC, 1995, p.14).

Assim, considerando todas as ciladas e desafios que acabei de assumir, esta escrita, toma corpo de manifesto! Um manifesto anti-moderno, manifesto do fracasso como essa força de nos assumirmos como frágeis. Força frágil vital de uma docência-vida, de produções artísticas que assumem que sua força está na fragilidade de sua montagem e composição (ZORDAN, 2020), frágeis no que pensamos, em nomear as coisas, os seres.

Maldita seja a taxonomia dos textos e corpos vivos! A modernidade, por sua vez, é aqui encarada como esse pensamento forte, aquele que determina, que diz que isso é isso, que separa, que enumera, homegeiniza e objetifica existências (GALIMBERTI, 2021). Compondo essa rede transversal de avizinhamentos epistemológicos e de afetos, Parker dirá:

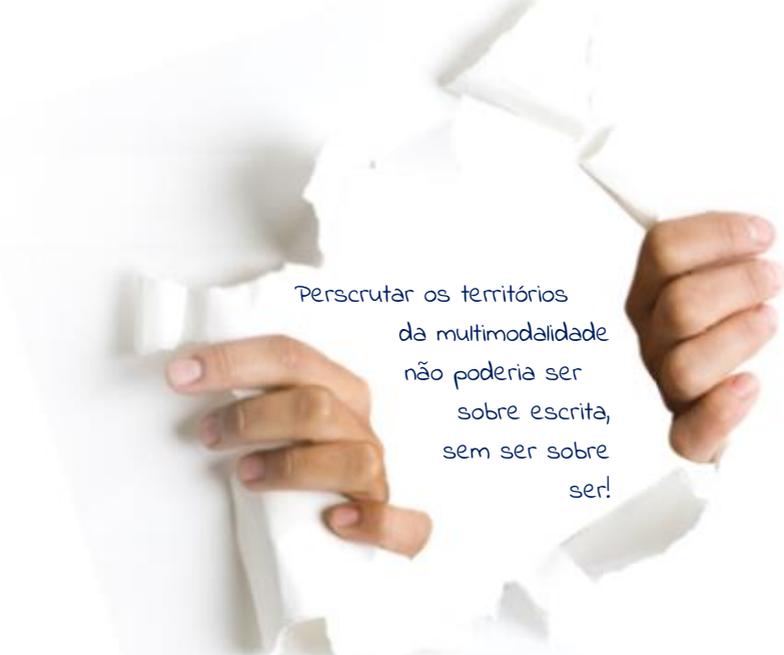
Como afirmam Lancaster e di Leonardo (1997), metamorfoses nas relações de gênero e nas relações sexuais, em nível social, refletem sempre mudanças políticas, econômicas e culturais mais amplas (PARKER, 2000, p. 131).

O meu corpo-texto, é daqueles que um antropófago não devora sem antes observar atentamente. A experiência da palavra que de se move sobre estas páginas, se propõe a ser o que Deleuze e Guattari (1992) chamam de máquina de guerra, um artefato potente que perturba a padronização. Poderia nomeá-lo clamor, convite, desabafo, plano de fuga, no entanto, digo aqui

manifesto (CORAZZA, TADEU 2003), por sua dimensão de urgência política por uma educação múltipla, uma educação da imanência (ADÓ; CORAZZA, 2015a). Uma educação que se constitui da reunião de singularidades, efeitos e fabulações de leituras, da qual emergem texturas, nuances e sons inaudíveis, inverossímeis e impraticáveis aos que acreditam em uma Universidade voltada à lógica competitiva de mercado, à superprodução, às muitas publicações, à consolidação de uma docência com *burnout*, à docência empreendedora calcada em um modelo desenvolvimentista, pautada pela eterna narrativa de crise (LARROSA, 2002) e, irremediavelmente, disposta sob simulacros (BAUDRILLARD, 1992).

Ou ainda, um movimento animado, mesmo que bem mais discreto – as revoluções sempre começam silenciosas - que contrapõe essa

lógica, valendo-se de múltiplos artefatos e elementos que se cruzam e se fundem, apropriações transgressivas (ADÓ; MUSSETTA, 2020) que ampliam a experiência textual (escritura-leitura-reescritura-tradução) para além da palavra escrita, pelo que está inscrito em nós, utilizando recursos tecnológicos, simbólicos e semióticos, criando narrativas que exploram a superfície gráfica estrategicamente, que também contam histórias e inventam multi-modos de articular as existências (MUSSETTA, 2016).



Perscrutar os territórios
da multimodalidade
não poderia ser
sobre escrita,
sem ser sobre
ser!

Tentei escrever um ensaio, depois outro e mais outros, combinar textos breves para construir o totem. Colocar em cheque a prescrição de gênero. Mas já que ideologia de gênero é tabu, resolvi deixar isso de lado. Antes, eu ia dizer que...

Corroborando para a escolha do ensaio como forma que acompanha esta escrita multimodal (MUSSETTA, 2017a), Klinger (2014) aproxima os filósofos e sociólogos alemães, Adorno e Benjamin, para assegurar a força das relações como objetivo maior deste gênero que mais que representar, diz o que está dito, afirmando a existência sem pretensão alguma de vir a ser canônico:

E isso nos interessa!

No ensaio, os conceitos não são definidos, mas se tornam mais precisos por meio das relações que estabelecem entre si: cada conceito se articula em configurações com os outros, sem formar uma estrutura. Os elementos se cristalizam por seu movimento. Essa configuração é o que Adorno chama "um campo de forças", expressão que toma de

Walter Benjamin e que se aproxima de suas constelações. Há uma ordem cósmica, a ser lida nos astros, nas vísceras, nos "acazos" (KLINGER, 2014, p.7).

Aí, vi que essa performatividade do gênero (BUTLER, 2000), assim enquadrado, era não só fora de moda, fora de tom, como me causava um profundo mal-estar. Eu nunca fui isso ou aquilo. Disseram-me que dessa escrita teria que nascer uma dissertação. Afinal, firmei um pacto diabólico após longas etapas para mensurar minhas experiências e em que medida estaria disposta a alinhá-las com o que outros trabalhavam e diziam. Deus não fez Adão e Ivo. Deus me livre! Fez Adão e Eva, fez serpente que fala, homem que viveu por três dias dentro de uma baleia, fez o mar se abrir. E mais um monte de histórias defendidas como A verdade. Uma farsa consensual. Um acordo. E essa verdade, será que custa muito experimentar tensioná-la?

Binarismo, aqui não se cria!

Mas menina, não pense artisticamente, não pense pelo viés da literatura, esse não é o teu forte, isso aqui é ciência! Pensando assim, tu nunca vai te defender, nem mesmo qualificar esse projeto!

Para falar em ciência e entrar no terreno sagrado do conhecimento científico e verificável, parafraseio Latour (2017) que, em entrevista, ao ser questionado se o objetivo da ciência seria o de produzir verdades indiscutíveis, afirma que é justamente o oposto. A ciência, seja ela exata ou natural (o conhecimento de modo mais amplo), tem por objetivo a produção de discussões, discussões essas que produzem movimentos políticos, sociais, econômicos fundados exatamente em seus enunciados discutíveis e, claro, passíveis de refutação. Nesse sentido, mais uma vez, esse fracasso ou a não certeza, a não afirmação de um pensamento forte e definitivo,

age como um dilatador de caminhos, portanto potencial.

Quais poderes operam para hierarquizar e, sobretudo, manter a hierarquização e governamentalidade (FOUCAULT, 2008) dos corpos, práticas e textos? O que/quem se produz, ou quais práticas discursivas ganham visibilidade e valor através do tempo, por meio da manutenção de certos territórios e discursos?

Se a educação é múltipla, por que ainda E nos confrontamos... esbarramos com uma que você e eu conhecemos tão bem? E mais, estaríamos nós vivendo um tempo de estandardização do *homo sapiens* (GALVÃO; FERRAZ, 2013), empobrecendo as possibilidades de experiência do humano e afirmando uma divisão entre natureza e cultura (NODARI, 2015)?

Com os corpos, o *corpus*, as dissertações e os ensaios, parece que a regra é a mesma. Se para mestrar é preciso escrever dissertação, é

dissertação. Não é ensaio, não é lista, não é zine (MEIRELES, 2013), não é exercício de múltipla escolha, não é fotografia (LOTUS, 2020), não é desenho (DEORRISTT, 2018), não é colagem, não é receita, não é maculelê, não é sonho, não é uma página vermelha, não é oralidade (isso é uma Universidade de respeito, com U maiúsculo. Não é uma rodoviária!), menos ainda uma bagunça desordenada tentando tensionar sua dissimulação e chamar-se performance.

O que eu estou fazendo aqui é ficção e é real! É o que Saer (2009) chama de uma antropologia especulativa. Segundo ele, o que produzimos é uma ficção, nossas ficções mais próprias, nossas especulações com esse campo antropológico do humano, não havendo um essencial, um mundo que é O verdadeiro, uma verdade primeira sobre todas as coisas.

Neste manifesto, há que se pensar na relação com a diferença como variação

(DELEUZE, 2006; ZULAR, 2018), a forma de uma ficção que opera em nossas ações. A invenção como um consenso para continuar fazendo ciência, para pensar e afirmar a vida (SAER, 2009).

E por falar em real, Mussetta (2020), ao citar os estudos de Peter Boxall (2013) sobre as ficções do século XXI, pontua que há uma tendência pós-moderna/pós-digital que busca retratar/capturar o real/a vida na contemporaneidade através de sua materialidade, sua relação com os sentidos, com a narrativa e com a forma/semiótica/visualidade. Em última análise, poder-se-ia dizer que esta concepção muito se aproxima do infraordinário perezquiano (PEREC, 2008), de uma certa atenção minuciosa à efemeridade dos microacontecimentos.

Se mandaram chamar de dissertação, quem sou eu para discutir? Sob o sol derretem-se as fronteiras dos gêneros.

Ao menos dos textuais.

Faço todo esse ensaio, toda essa apresentação, quase os prólogos de Macedonio Fernández (1997) em *Museo de la novela de la eterna*, para contar que essa escrita (CORAZZA et al., 2014) é um convite a ti, que acredita em uma Educação com, não para, nem em nome de. Em que forma é conteúdo. E é aí que mora o princípio dessa micro-revolução, o objetivo desse manifesto:

Gostaríamos que bastasse escrever “revolução” numa parede para que as ruas se incendiassem. Mas era preciso desembaraçar os nós do presente e, em cada lugar, ajustar contas com falsidades milenares. Era preciso tentar digerir sete anos de convulsões históricas. E decifrar um mundo onde a confusão floresceu numa árvore de mal-entendidos. Tomamos tempo para escrever esperando que outros tomassem tempo para ler. Escrever é apenas uma vaidade se não for para amigos. Mesmo que seja para amigos que ainda não conhecemos (INVISIBLE, 2014, p.37).

Quando transfiguramos textos famosos - outros nem tanto - mesclando autores, imitações, repetições interpretadas, remontagens, bricolagem, ilustrações e recursos estéticos pouco convencionais [dirão até que de gosto duvidoso], para explorar um pensar-fazer potente, íntimo, humano e infraordinário, o que nos interessa é viabilizar uma análise que parte do fracasso, não como uma força que nos enfraquece, emburrece, empobrece a existência, reduz a potência, mas pela ótica, sinestesia, olfato, audição de algo que se constitui ao produzir *affectos* e *perceptos* através de uma leitura pesquisadora que se dá nos/dos encontros, da dinâmica relacional de quem faz docência experimentando com a própria vida escrita.

Por isso, escrever multimodalmente com multimodais, ou, ao menos, um esforço nessa direção, na direção de dar a ver/sentir possibilidades de expansão da experiência.



Lady Puma, Moon Patrol, 2021.
+ uma mexidinha da autora.

Como quem entoia cantos às musas ao ingressar em uma viagem, ao longo deste inquérito, oro a mim e a ti, que me lêis e adentra comigo neste jogo ficcional de vida: Libertemo-nos da clausura dessa docência-escrita empreendedora, do teto estreito dessa modernidade binária atroz que nos esmaga com sua superficialidade erudita, advinda de uma, tão difundida, prática de docência-vida-autoria prometeica. Deixemos de lado o *homo faber* (ARENDR, 2010) que por séculos vem construindo sólidos e grandes prédios, empresas, *best-sellers* e sucumbe diante das limitações de sua própria miséria e falta de ética (JONAS, 2006). Permitamos que os afetos, os fluxos da rua, os atravessamentos das aulas, as lacunas, as ruínas do pensamento, os incidentes, a não-representação, o movimento involuntário dos corpos, das vozes, dos ancestrais e do porvir sejam a matéria que fertiliza estas (as

minhas e as tuas) páginas e experiências de
escrita. Nas palavras de Agamben (2007):

Aquilo que se mostra no limiar entre
ser e não ser, entre sensível e
inteligível, entre palavra e coisa, não
é o abismo incolor do nada, mas o
raio luminoso do possível (AGAMBEN,
2007, p. 30).

Entre digressões, pulsões artísticas e fluxos de
consciência, a força dos elementos físico-
cósmicos é ferramenta para reflexões difusas
acerca de uma docência-escrita com *locus* no
aqui e agora, com seu pensamento fraco
(VATTIMO; ROVATTI, 2011), suas restrições,
deslizamentos e uma autocomédia (ADÓ, 2013)
da escritora-professora-aluna-atelierista que tem o
ciclo solar como seu referencial para essa
performance oulipiana multifacetada,
inconclusa, imperfeita e irrepitível de uma eterna
tentativa de pensar-ficcionar [ser-se sendo,
exercer-se inventando-se] ou, como se

Antes que me condene, peço que tenhas
paciência, pois essa história é larga e vasta!

desdobrará ao longo das próximas páginas: de um fracasso potencial.

Pensar as formas por meio das quais se faz, educação e docência sob o viés de um fracasso potencial é encarar a tessitura de conhecimentos como presença e tentativa constante de algo vivo. Como quem explora as *contraintes*, no texto traçam-se planos, não prescrições, não se trata de um método hipotético-dedutivo. Criamos imaginando os processos de leitura-escritura-autocriação. Para esta discussão, adoto uma perspectiva que caminha na direção de uma prática docente apenas como um acordo de sororidade entre as partes que não se propõem a desvelar mitos de uma educação de sistemas, estruturas, disciplinarização, poderes e tradição acadêmico-literária, nem mesmo desqualificar os métodos especulativos, impondo um método da verdade e do verificável. Objetivo, entretanto, dar vazão à luz que não se deixa conter, a luz da

simultaneidade, do cossurgir e do co-criar com todos e tudo, afirmando uma poética constituinte da prática docente (AQUINO; CORAZZA; ADÓ, 2018), sustentada pelo lastro da noção de imanência espinoziana (DELEUZE, 2002).

O filósofo italiano Giorgio Agamben, em *A imanência absoluta*, faz uma leitura de Deleuze que, traduzindo Espinoza, trouxe à materialidade conceitos que nos são necessários para compreender a imanência espinoziana enlaçada com essa noção deslucada (ANDERS, 2005) de fracasso, como um dos pilares deste estudo:

O que pode um conhecimento que não tem mais como correlato a abertura ao mundo e à verdade, mas à vida e o seu errar? E como pensar um sujeito só a partir do erro (AGAMBEN, 2000, p.170).

Na seara das desvianças, de enxergar as didáticas da vida sob o prisma do erro, de uma errância frutífera, de um fracasso com certa ânima que coloca a existência/o pensar/o criar

em movimento, estudos, escritos, leituras, traduções e autocriações convergem para a concepção de uma existência que amalgama práticas/experiências, produzindo transtextualidades (GENETTE, 2010), autoficções de uma vida realmente inventada (CORAZZA; OLIVEIRA; ADÓ, 2015). O que, em termos de relações acadêmicas, por sua vez, redundava “em uma espécie de canto tradutório cruzado entre alunos e professores” (AQUINO; CORAZZA; ADÓ, 2018, p. 01).

Da vez primeira em que me acusaram,
fiquei sem jeito. Mas sorri!

Bem que isso aqui podia ser meu! Vou pegar, funciona pro que eu tava querendo dizer!

Pérai! Podia, mas não é!

Quem disse?

Sabe muito bem que este é um texto de outros. Vai mesmo roubar de outros pensadores da Filosofia da diferença? Nesse meio acadêmico todo mundo se conhece. Tu acha que não vão suspeitar que tu estás plagiando essa ideia?

Roubar? Que ingenuidade! “O que é produzido, antes de não pertencer a ninguém, a todos pertence”. Por isso, tomar de assalto esses extratos de vida-obra, é um duplo-roubo “um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre fora e entre [...] uma conversa” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 7). É a certeza de navegar sempre acompanhada. Inclusive, os oulipianos diriam que esses autores é que roubaram de mim, porque essas regras fui eu

mesma que inventei! Na visão oulipiana, esse é o chamado plágio por antecipação.

Ah, tá! Agora os caras estudam anos e anos para te copiar? Que história é essa?

O plágio, a cópia e as referências a obras que não são consideradas as mais importantes da literatura potencializam as obras do OULIPO. Nasce, portanto, uma nova definição: a de plagiadores por antecipação. Assim, uma estrutura ou regra criada pelos oulipianos pode ser descoberta posteriormente na obra de algum escritor ou poeta que os precedeu, o qual receberá o nome de plagiador por antecipação, por ter trabalhado com um *contrainte* criado a *posteriori* pelo OULIPO (FUX, 2010, p.36).

Em minha defesa, alego que a rigor os exercícios oulipianos não configuram delito literário. O roubo assumido é crime doloso, há pública intenção de roubar, de capturar o texto-prática de outrem e performá-lo linguística,

gráfica ou matematicamente, revelando sua potencialidade e produzindo significações outras.

Pode o corpo operar nas condições do texto? Ou estaremos, ao longo de toda uma vida, condenados à restrição da pele (HARAWAY, 2009)? Especulo que nesse jogo de gênero haja um *devir-algo*, um movimento molecular que rasga a pele, distende os músculos, transfigura os rostos, cheiros, pelos, rompendo a restrição que em algum momento (ainda hoje) biologicamente determinou espaços e campos sociais, reduzindo e minando as experiências dos corpos e do pensar.

Tweets de devaneios sobre escrever diferença. Um crime potente!

Home 

 **Dumuzi** @Dumuzielnanna · 1s
Quem interpreta, em vez de simplesmente registrar e classificar é estigmatizado como alguém que desorienta para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar.

 **Gilgamesh** @GilgameshEterno · 14h
Embora a vida seja feita a golpes de pequenas solidões.

 **Shamash** @shamash_solar · 14h
E diria mais, não é roubo, é um escrever junto, a partir de. Ter o pensamento do outro como ponto de partida ou interconexão em um texto que claramente é meu. Testemunho de minhas experiências, só minhas, apesar de coletivas.

 **Enlil** @EnlilOsumerio · 14h
Assumir que se é ladrão e não ser ladrão, mas parceiro. É como ser testemunha, ao contar já não é quem o viveu, mas quem ousou ver à distância. A criar um delay para ver-se vendo.

Anexo 2: Evidência juntada pela acusação.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO
DA EGRÉGIA 9ª VARA CRIMINAL DA COMARCA DE
SUMÉRIA

Processo 00182881

CNJ: 002115149547.2019.8.21.0001



A comunidade acadêmica desta honrosa comarca [em seu nome e quicá de muitas outras] inscrita no CNPJ 74.750.907/0001-04, sita à Rua Eçaraia, nº 743 - bairro Ité, na cidade de Suméria/SU, neste ato representada por seu procurador Dr. Mario Neto, registrado na ODS/SU sob o número 1964 vem, a vossa excelência, com o devido acato e respeito de estilo, assinalar e requerer a presente

AÇÃO PENAL PÚBLICA DE DESACATO À AUTORIDADE,
ESTELIONATO E PERTURBAÇÃO À ORDEM, CUMULADA DE
DANOS MORAIS

em desfavor de Maria Enunção do Perpétuo Socorro, vulgo Shamash, suméria, solteira, professora de língua portuguesa e literatura, inscrita sob o CPF nº 140.800.780-05, residente e domiciliada à Rua Nhambiquara, nº 1503, apto 85, bairro Araxá, Suméria/SU.

DOS FATOS

Ora, com data máxima vênia, nada parece apoiar mais a propositura da presente ação movida por esta benemérita comunidade em face de Maria Enunção do Perpétuo Socorro [vulgo Shamash] que todo o emaranhado de elementos que demonstram o

intento de desqualificar os anos de empenho e trabalho realizado pela academia em estruturar a Educação com exímios processos de transmissão de conhecimentos, formação curricular impecável, práticas de ensino profissionalizantes e dignos de formar cidadãos de bem.

Prova irrefutável da conduta idônea da requerente é que nas últimas décadas tem aceitado uma parcela cada vez mais generosa de jovens, cujas capacidades de aprendizado são deficitárias, advindos dos mais distintos recantos desta nação, enfrentando vicissitudes variadas em suas salas de aula. Mesmo sabendo que de nada, ou pouco lhes serviria o alto nível de intelectualidade da comunidade acadêmica [poucos destes alcançariam os devidos patamares]. Ainda assim, como prova de generosidade e boa fé, concederam-lhes títulos [como se fossem iguais aos demais, mas não eram].

Muitos estudantes afirmam ter recebido, da própria requerida, páginas amarelas com dizeres lamentáveis, além, é claro, de presenciar sua trans-formação de nome, de corpo, de identidade, de discurso, rasgando a masculinidade do currículo.

Tais manifestações chegaram, inicialmente, como uma brincadeira de mau-gosto. No entanto, ao passar dos dias novas páginas eram espalhadas pelas instituições de ensino, evidenciando que certo movimento organizado vinha ganhando força, tingindo de amarelo âmbar os ambientes antes

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SUMÉRIA
38

seremos e sóbrios, onde o conhecimento era a maior preocupação. Cada novo exercício recebido na secretaria de ensino e aprendizagem, cada história contada nos corredores passou a ser encarada como uma afronta.

Inobstante, na data de 05 de dezembro de 2018, a requerida foi vista aplicando a seus alunos o que ela chama de exercícios de estilo, utilizando de espaços públicos de educação para expor sua barbárie. Apregoava discurso de intensa crítica e ódio a toda estrutura que compõe cada uma das camadas da honrosa comunidade requerente. Ato que a legislação nacional dispõe como perturbação à ordem e incitação ou apologia ao crime [como se pode observar no anexo 3].

Nesse sentido, o Procurador Regional da República, Rogério Tadeu Romano, ao dissertar sobre as Lições de Direito Penal, menciona Heleno Cláudio Fragoso e destaca:

[...] a tutela penal exerce-se com relação a paz pública, pois a instigação à prática de qualquer crime traz consigo uma ofensa ao sentimento de segurança na ordem jurídica e na tutela do direito, independentemente do fato a que se refere a instigação e as consequências que possam advir [FRAGOSO apud ROMANO, 2006, p.137].

Tal intento torna-se ainda mais aberrante ao considerar o desrespeito com os pais e, sobretudo, com a formação de seus jovens alunos. Quanto Maria Enunciação [que todos sabemos, não fora nomeada assim no nascimento primeiro] apresenta-se com seu heterônimo Shamash nas folhas de papel, é reprovável, quando passa na rua e corredores remexendo os quadris com saias e vestidos rodados, forçando um movimento biologicamente impossível, desperta nosso olhar mais furioso. Mas quando isso acontece dentro de uma sala de aula, o olhar de reprovação e fúria, não mais julga apenas cabe a condenação.

Quebrando códigos éticos de comportamento, a requerida declarou informações errôneas em seus planos de aula [anexo 4], fato que demonstra o dolo e má-fé de quem tinha interesses em mascarar o que estava, efetivamente, ocorrendo em suas aulas.

No que tange ao programa de ensino - determinado em reunião com toda a equipe pedagógica da instituição educacional em que trabalha - Enunciação informa ter trabalhado o conteúdo: Literatura Modernista Portuguesa, com a turma A-15, no dia 13 de maio de 2019. No entanto, o tipo de atividade realizada na referida data é lastimável e demonstra total despreparo para controlar uma turma de estudantes. Obtivemos, através de pais de alunos, revoltados com o tipo de ensino prestado pela requerida a seus filhos, evidências claramente preocupantes [anexo 5]. É desta transmissão de conhecimento que se fala? É isso que esperamos de um educador-educadora?

Cabe-nos questionar: Que literatura teriam aprendido estes jovens, lendo errado? Saberão ao final descrever e interpretar os textos que deveriam ter sido lidos? De quê lhes servirá esse conhecimento de códigos embaralhados? Temo que se nenhuma atitude for tomada em caráter de urgência, perderemos uma geração de leitores que na sabe ler, eles inventam o que os autores quiseram dizer, acham que podem “fazer com”. Uma vergonha!

Como comunidade unida e ciente de suas responsabilidades, a academia suméria não pode negligenciar estas práticas docentes - se é que poder-se-ia considerar tais atividades como docência -. Cabe ressaltar que antes mesmo de recorrer a Vossa Excelência, preocupamo-nos em realizar, amigavelmente, uma breve negociação com a requerida. Não somos desses que querem tolher liberdades, sabemos que gente diferente existe e respeitamos, mas há um mínimo de bom senso e decoro que precisa ser mantido. Após reiterados pedidos extrajudiciais de que a mesma contivesse seus rompantes criativos e pulsão ao ataque, solicitamos seu afastamento da vida acadêmica.

Frisa-se a periculosidade do modus operandi com que a requerida, sob influência de um suspeito grupo com o qual se comunica abertamente em redes sociais [anexos 1 e 2], costuma fazer suas

performances, adentrando propriedades e roubando peças que são fruto de inspiração e esforço, apropriando-se de discursos e objetos, subvertendo o árduo labor de teóricos, filósofos e outros docentes, provocando escárnio, fazendo da academia motivo de piada infame, desrespeitando os longos anos de trabalho realizado em nome do bem comum.

Feitos que, com fulcro no entendimento já pacificado por diversas súmulas e textos penais configura-se por estelionato, disposto no Código Penal de nosso país:

Art. 171 - Obter para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento. Pena - reclusão, de um a cinco anos, e multa, de quinhentos mil réis a dez contos de réis.

Contrariando nosso interesse e disponibilidade em dialogar, a mesma negou-se a comparecer às reuniões acordadas. Ignorou os convites. Quando confrontada publicamente, evidenciava um ar fugidio e inquieto, demonstrando irritabilidade [essa histeria comum a quem quer sempre provar alguma coisa, sua dor].

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SUMÉRIA
7/8

Atribui-se este comportamento a um notório consumo de elementos ilícitos, certamente oferecidos pelos comparsas ou “companheiros” com a própria requerida refere-se a estes sujeitos. Dessarte, juntamos a esta peça inicial diversos documentos que comprovam as relações obscuras e as ilicitudes promovidas por Shamash sob orientação e influência de um perigoso bando.

Ocorre que Enunção, valendo-se do respeito naturalmente atribuído pela docência, aproveitou-se das benesses que o papel de professora lhe conferia para ter acesso a obras produzidas por mestres e intelectuais das mais diversas áreas e tempos, para, sob o nome de Shamash, distorcer os escritos e utilizá-los a seu bel-prazer. Colocando em risco a formação de estudantes e em xeque as produções acadêmicas, descredibilizando séculos de estudos comprovados, cientificamente verazes.

A fim de asseverar a materialidade delitiva das ações da requerida, cabe trazer à luz a carta máxima da educação no país, intitulada Parâmetros Curriculares Nacionais que, sobre a necessidade de combater o fracasso escolar [resultado de práticas nefastas como as supramencionadas], dispõe:

[...] as evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem de leitura e da escrita [BRASIL, 2002, p. 11 - grifo nosso].



DO DIREITO

Com fulcro nos artigos 171 e 286 do Código Penal e Art. 186 do Código Civil, como procurador desta nobre comunidade, após longos meses de tentativos de negociação e de conter o desacato manifesto nas ações estimuladas pela suspeita, foi tomada a difícil, porém necessária decisão de fazer-se justiça por vias legais.

No caso em tela, requer-se não apenas o afastamento, como também a detenção preventiva da requerida, considerando os fatos consignados que, segundo resta demonstrado através dos documentos trazidos à baila nesta peça inaugural, seu comportamento tende a oferecer sérios riscos à formação discente, especialmente, no que tange aos valores e certezas basilares das práticas educacionais e da constituição de um currículo, objeto que regula o fazer e o pensar nos ambientes onde, de fato, deve-se fazer educação.

Certo da magnânima clareza de Vossa Excelência perante todo o exposto, subscrevo-me.

Mario Neto

DR. MARIO NETO ODS/SU 1964



Arrependo-me de quê? De ser, sem destino? Ser sem predeterminação biológica? Sou poética (não a de Aristóteles, mas a de Valéry, poética crítica que não se atém a descrever padrões poéticos passados e ou futuros) acredito nessa poética que se desdobra sobre os modos de fazer-ser e a levo como um facho para brincar e dançar com as luzes e sombras de uma educação potencial.

Não vou dizer que me arrependo!

Se esse pensar nutre a minha poética, não tiro deles o direito primeiro de serem donos do que escreveram-traduziram-pensaram. Faço apenas com que andem ao meu lado, somos coro que destoando produz *ficções*, potências de pluralidades, caleidoscópio artístico para existir. O ser humano vive de água, ar e... Disseram-me, outro dia, que era pra gente pensar-experimentar vivendo a poeticidade como um “horizonte dilatador da experiência ~~decente~~” (AQUINO; ADÓ; CORAZZA, 2018, p.2).

Compartilhar e criar juntos não é disso que se trata?

Quadrilha

Adó disse que Corazza disse que Barthes e
Deleuze disseram que Nietzsche disse que
você, seus pais, seus amigos disseram, que
passou na tv,
que eu mesma pensei,
escrevi aqui
e me senti GENIAL!

Ah, como é ingênuo quem se impõe
originalidade!

Shamash

Poeticidade não é tomar o pensamento-prática do já conhecido, do infraordinário (PEREC, 2008) e performá-lo pelo algoritmo do inusitado?

Tomando como ponto de estudo a expressão artística performance, como uma arte de fronteira, no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado arte-estabelecida, a performance acaba penetrando por caminhos e situações antes não valorizadas como arte. Da mesma forma, acaba tocando nos tênues limites que separam vida e arte (COHEN, 2002, p.36)

A educação que se apresenta como da imanência, sob o viés de uma criação-poética [práticas e escritos de uma vida-obra múltipla], não se ocupa em subjugar nenhuma outra, nem cai no tentador vacilo de se apresentar como a nova, uma educação visionária, de inovação, a que dá certo, importa não o resultado, mas o processo em pormenor, a desconfiança das afirmações (RITZEL; ADÓ, 2021) como opera, quais afetos produz e o que se constrói em ruínas.

Nesse sentido, as experimentações reunidas nestas páginas encaminham-se para a concepção do fazer-ser docente/discente como saberes que formam passagens, não para algo exterior, prévio, mas para um processo reflexivo que se constitui e reconstitui simultaneamente entre educandos e educadores, numa prática viva, pulsante, de inacabamentos que não mais pode dissociar-se do encontro de forças, vontades, potências alegres ou não, que habitam nossas práticas e esses lugares que aqui chamaremos de espaços de educação (ADÓ, 2013).

Por que Pereg está aqui? O que ele faz aqui?



Mas eu quero saber é do fracasso. Que perspectiva perigosa pra se trabalhar, hein?

1.1 Fracasso. Imperfeição. Constrangimento

Pode o cárcere ser espaço de educação? Qual cárcere? Quais celas de um fazer, de uma docência, de uma certa hierarquia de conhecimentos aprisionam nossos corpos, nossas vozes, nosso artistar (CORAZZA, 2006)? Pensemos para além da já batida esfera de representação da escola como prisão, de grades, vigilância e normatividade e de todo o discurso amplamente difundido de crise da educação. O que o primitivismo dos muros altos, dos vazios, da solidão e das culpas poderia ensinar? Forçar o pensar? O cárcere torna-se, então, restrição oulipiana.

A curiosidade - em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada como um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. [...] Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Construir o objeto de que se fala. Sacudir evidências. Como nos ensina Corazza (2005) essa docência escritora passa por uma ação poética, a de catar e rearranjar, deslocar e, portanto, traduzir. Questionar o imutável, o naturalizado, o mundo da representação. Pensar uma educação não-fascista (TAKARA; TERUYA, 2015). Retirar o fracasso de um contexto e realocá-lo, atribuindo-lhe sentidos outros. Deslucamento, ruína de noções. Tudo está fora de lugar. Não confie nas palavras (ANDERS, 2005)!

Contrapondo a concepção neoliberalista que coloca o eu como empreendedor de si, na sua supervalorização do desempenho (DARDOT; LAVAL, 2016), sujeito de interesses/consumo, e suas forças – braçal e inventiva - como capital humano, uma sociedade do *neuro-enhancement*, ativa e meritocrática, que reduz a experiência do pensar-existir onde os fracassados não têm vez (HAN, 2015). Nesta análise, o fracasso

deixa de habitar as margens e toma o centro da discussão, não como uma espécie de constrangimento resultado de uma frustração diante do gozo não atingido (LACAN, 1991), de um malogro, mas trata-se de algo que pode ser encarado como:

[...] um encontro com um estado de ruínas com o já conhecido, um deslocamento que tenta operar a remontagem de um *puzzle* monstruoso e que, no processo, perdeu ou arruinou muitas de suas peças (ADÓ, 2018, p.1).

Anexo 3: Às margens! Uma vida vivida às margens. Um trabalho em que as margens são epicentro (SANTOS, 2000) – Folheto anexado à petição inicial pela parte requerente.

AS MARGENS SÃO EPICENTRO

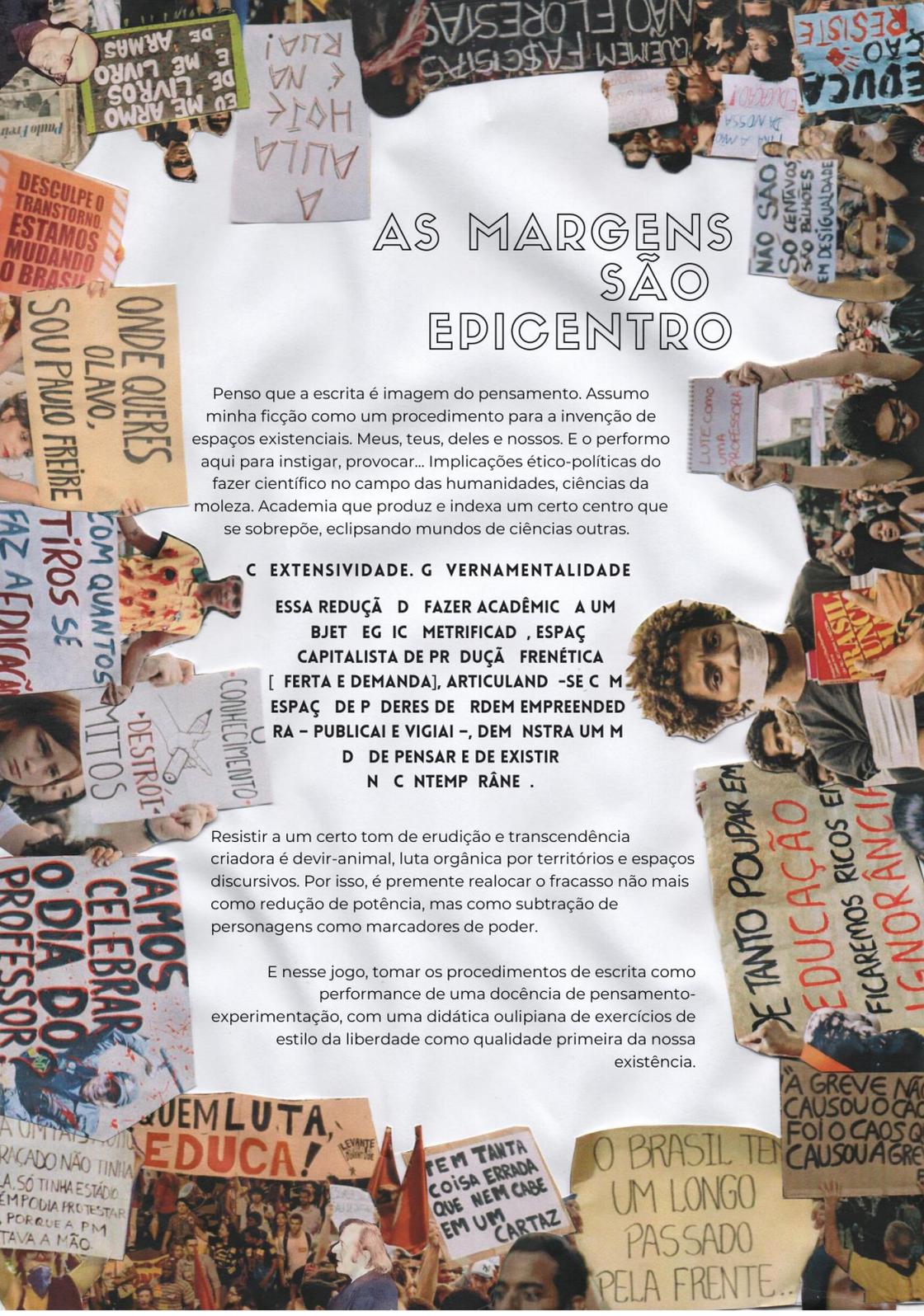
Penso que a escrita é imagem do pensamento. Assumo minha ficção como um procedimento para a invenção de espaços existenciais. Meus, teus, deles e nossos. E o performo aqui para instigar, provocar... Implicações ético-políticas do fazer científico no campo das humanidades, ciências da moleza. Academia que produz e indexa um certo centro que se sobrepõe, eclipsando mundos de ciências outras.

C EXTENSIVIDADE. G VERNAMENTALIDADE

ESSA REDUÇÃO DO FAZER ACADÊMICO A UM
OBJETIVO METRIFICADO, ESPAÇO
CAPITALISTA DE PRODUÇÃO FRENÉTICA
[FERTA E DEMANDA], ARTICULANDO -SE COM
ESPAÇOS DE PERDIZES DE RODEM EMPREENDEDOR
- PÚBLICO E VIGIADO -, DEMONSTRANDO UM
MODO DE PENSAR E DE EXISTIR
NÃO CONTEMPORÂNEO .

Resistir a um certo tom de erudição e transcendência criadora é devir-animal, luta orgânica por territórios e espaços discursivos. Por isso, é premente realocar o fracasso não mais como redução de potência, mas como subtração de personagens como marcadores de poder.

E nesse jogo, tomar os procedimentos de escrita como performance de uma docência de pensamento-experimentação, com uma didática oulipiana de exercícios de estilo da liberdade como qualidade primeira da nossa existência.



O desafio agora é assumir o termo para perspectivá-lo poeticamente, não sob um julgamento de uma analítica do fracasso como auto-ajuda, tampouco almejo criar uma genealogia do termo. Concebo, então o fracasso potencial como dispositivo propulsor de conhecimento, justamente pela incompletude, pelo inacabamento, pela incerteza. Por certo, em se tratando de uma rizomática tessitura que articula conhecimento (DELEUZE; GUATTARI, 2000), educação e docência, defendo que estes três modos de operar a vida - a existência - dão-se por entre e como efeito de uma série de ruínas políticas, científicas, cósmicas, biológicas, amorosas, artísticas:

[...] é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que

resulta para o bárbaro dessa pobreza da experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda (BENJAMIN, 1996, p.116).

Nessa direção, Bacon, como filósofo do início da ciência moderna e pioneiro do método científico, nos dirá que “é preciso colocar a natureza em questão” (BACON, 1997, p.43), corroborando à outra noção que nos será bastante cara ao longo deste estudo, a da necessidade de experimentação (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Experimentação, aqui, apresentada sob o ponto de vista de um impulso de questionar a natureza orgânica das coisas, das instituições, das práticas, das palavras e dos pensares: produção de deslocamentos, deriva, arranjos e rearranjos das forças mais elementares da própria matéria (DELEUZE, 2006).

Considerar o erro, o desvio, a inconclusão naturalmente humana de tudo que houve, há e poderá ser pensado-inventado, é primordial para assumir o fracasso como um movimento de liberação (GUARIENTI, 2012), libertação da existência empreendedora, da prova irrefutável, da resposta certa, de uma verdade autônoma, da produção escrita por transcendência, da professora ideal, da originalidade, do corpo que apenas é, do gênero biológico que determina o resto de nossas vidas. O que tanto nos amedronta ao considerar a mais vaga ideia de fracassar?

Tendemos a ver o mundo como um lugar sólido, confiável e até mesmo indestrutível. A falha sempre traz consigo certo grau de ameaça existencial (BRADATAN, 2020, p.61).

Ao fazer uma retomada histórica da relação das incongruências que atravessam e, a seu modo, constituem o pensamento moderno, o filósofo americano Costica Bradatan (2020)

elabora uma defesa do fracasso como uma postura de tentativa, de experimento, de tensionamento, afirmando que a filosofia tem uma íntima relação com esse perigoso termo. Destaca que geração após geração, os filósofos vêm refutando teorias, encontrando falhas, modos variáveis de enxergar os elementos e indagações da vida.

O capitalismo não tá fácil pra ninguém, né minha filha? Mas já pensou que ele não é a única forma de organização social existente nesse planeta?

É preciso politizar a discussão sobre o desmoronamento de um modelo, de um método. As pessoas e coisas não apenas são e deixam de ser, os acontecimentos na educação atravessam os limiares do sujeito, das formas e das funções (SILVA; KASPER, 2014). Não ficaremos absortas e brutalizadas! Se começarmos por aí, por ler-

pensar-elaborar outras possibilidades de existir, de organização econômica-política-social, talvez, um dia, elas se tornem possíveis.

Dessarte, poder-se-ia perspectivar esse afastamento de uma noção historicamente construída como negativa para o termo, pela ótica do reconhecimento – ou talvez até uma reverência - à transitoriedade das palavras, dos discursos, dos territórios existenciais, de uma limitação da experiência do pensamento.

Esse fracasso como o conhecemos e vem sendo tecido pela lógica dual que o contrapõe a sucesso, conquista, desempenho ou evolução, carrega uma estranha noção de empobrecimento. Tragédia! E se acaso nos conectássemos com um fracasso que é potência? Um movimento anti-moderno de afirmação da vida, do humano, do que pulsa (LATOURE, 1994). De uma inconstância constante, de uma renovação sem fim, de um fazer

inesgotável que acompanha os fluxos da Terra, seria isso criação/inventividade?

Avizinhando a noção de um fracasso potencial, à análise do ato de criação, de Agamben (2006), poderíamos perspectivá-lo pela potência-do-não, como uma força de criação que só se dá na preparação para algo que posso ~~ainda~~ não fazer. A potencialidade do fracasso está na leveza de des-criar um que existe para ser/pensar outros, outras, outres possíveis.

1.2 Uma pausa para pensar o pensar

Na modernidade, poderia se traçar uma continuidade dessa “arte da existência” numa linhagem que vai de Spinoza, passando por Nietzsche, até Foucault e Deleuze e Guattari. Uma filosofia como “experiência do pensamento”, como diria Foucault, que considera a sabedoria não como o ponto mais elevado e abstrato atingido pelo espírito, mas como um pôr em ato de uma reflexão, uma prática de si, um modo de vida. Este ponto de vista sobre a filosofia implica sair do âmbito da universalidade, em que a tradição idealista colocou as questões, para o âmbito do contingente. Em outras palavras, sair da discussão em torno da Verdade, do Bem, para uma reflexão em torno de nossas práticas, para o saber no campo da ação (KLINGER, 2014, p.19).

A literatura, o cinema, a educação, a filosofia, a arte de modo geral, são instrumentos refinados através dos quais nós refletimos e afirmamos nossa existência neste tempo, o nosso.

Através deles conhecemos culturas, costumes, valores de uma época, de uma sociedade, de um pensar, de pensares, linguagens que em sua variabilidade estabelecem relações dando, em certa medida, forma ao pensado (ZULAR, 2018).

Não há falta, nem dualismo. O pensamento está para a filosofia da diferença, como a imanência está para o desejo (DELEUZE, 2002). Trata-se não apenas da *parole*, a gente dança, canta, diz com os olhos, com o corpo, com os desequilíbrios, com as vozes do contágio. O entendimento, no entanto, é único, realidade intransponível, pois o que é dito, só é dito a partir de uma certa materialidade subjetiva, que mesmo que "comum" transita única.

À docência, à arte (seja ela qual for) emerge a responsabilidade de fazer pensar, forçar um ver/sentir coisas que talvez não tivessem nos ocorrido.

Escrevi pensando e sentindo o gostinho de ler Macedônio com suas *Confesiones de un recién llegado al mundo literario (Esforzados estudios y brillantes primeras equivocaciones)*.

Da antiguidade onde tudo era pré-determinado pelo desígnio dos deuses, passando ao predomínio da ciência, da razão, chegando à revolução industrial até os nossos dias com o mundo globalizado e digital, como em cada contexto histórico pensamos a nós mesmos e ao mundo?

Rever essa trajetória da história do pensamento, nos insere na reflexão sobre as condições e possibilidades de se viver hoje num mundo de tamanha transformação e diversidade. O fim do mundo. O fim do romance (BENJAMIN, 2012). O fim da história. O fim da teoria. Viver as ruínas de um pensamento, dobrá-lo, descolá-lo do que é (ou parece ser) para experimentar outros possíveis. O pensamento na Filosofia da Diferença dedica-se a desterrar o pensamento universal e meritocrático da modernidade “deslocando-o para a condição de um sujeito-efeito da

o pensamento não uma esteira de produção.

linguagem e de seus múltiplos atravessamentos" (COSTA, 2013, p.3).

Pensar? Pensar sobre o pensar?

Gente!

No Brasil, 3,4 milhões de pessoas (IBGE, 2017) ainda não têm nem banheiro dentro de casa e a gente tá aqui perdendo tempo com o que é pensar, com o que é real ou ficção? Estamos loucas! Perdidas! Sucumbimos a um pensamento sem empatia? Nossa reflexão estende-se ao campo da ação? Nossos discursos são mecanismos de impulso e transformação de realidades objetivas? Ou ainda nos encontramos nas nossas pequenas telas retangulares, reproduzindo o que autores disseram, escrevemos o que escreveram (para mostrar que lemos de verdade) e sem sermos atravessados, mal formulamos perguntas vazias, falseando um entendimento de algo que nem mesmo nos afeta?

Penso, penso, penso e ex-crevo, escrevo é pelas paixões alegres!

De acordo com Heuser (2008) ao apresentar-nos diferentes perspectivas sobre o pensar em Deleuze, denota que os sistemas de signos constituem a matéria dos mundos. O signo é, então, o que dá ânima, força ao pensar, implicando na criação. Por isso, sacudamos o pensar, experimentemos com todos os signos linguísticos e não-linguísticos. Criemos nova matéria, novas significações, outras linhas de possível, bifurcações à infinita potência dos afetos alegres. Que tal um pensar despreocupado, desprendido da norma, brincar de pensar?

A arte de pensar sem riscos. Não fossem os caminhos da emoção a que leva o pensamento, pensar já teria sido catalogado como um dos modos de se divertir (LISPECTOR, 1999, p. 7).

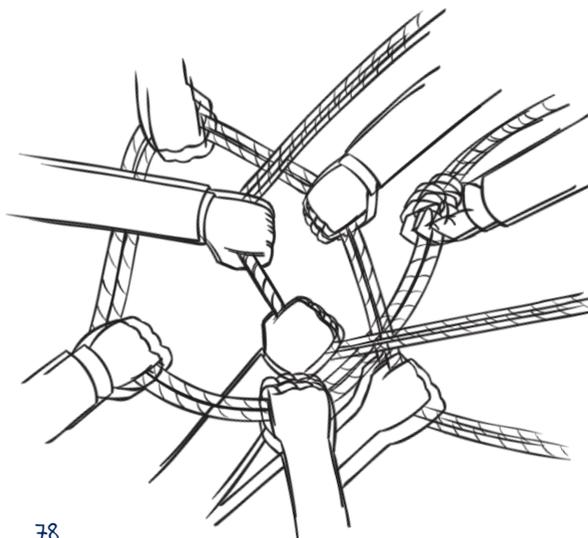
Deleuze e Parnet (1998, p.4) dizem que “os conceitos são exatamente como sons, cores, ou imagens, são intensidades que lhes convêm ou não, que passam ou não.” E o conceito que eu estou pensando quando me proponho a pensar o pensar se constitui de intensidades que teimam, que insistem em mobilizar, colocam-me nessa gagueira da linguagem (DELEUZE; PARNET, 1998), uma gagueira vital, uma desenvoltura desajeitada que me obriga a revisitar o pensado, conhecer ou des-conhecer os modos como articulam-se. Uma força que me põe viva, que me lembra disso. Não sei bem quem pensou essas coisas, mas vou encontrar avizinhamentos.

Minha condenação não foi apenas estar reclusa. A isso todos estamos! No que, de fato, o júri pensava ter feito justiça, era privando-me da escrita e, logo, da vida. “A impossibilidade de criar é uma espécie de morte” (ZORDAN, 2010, p. 4). Eu vivo no pensamento liberto. Eu não vivo presa ao

meu corpo. O que importa nesse silenciamento das minhas palavras era privar-me da liberdade de pensar. Tolice! Eles não sabem de nada! Pensam que só se pensa escrevendo.

Mal sabem eles que se pensa é pensando. Pensar o pensamento. Quero escrever, mas não posso. Quero dizer, mas não sei. Isso sai meio truncado. Soa *raro*. Suo. Perco os movimentos de estar pensando?

Se pensa sem palavras. Se pensa dançando. Se pensa sendo. Se pensa em silêncio. E se isso não é revolução. Nem quero saber o que é!



**Como se supunha,
ela não agia sozinha.**
**Eram delitos cometidos por muitos,
espalhados por diferentes dimensões do
espaço-tempo.**



Anexo 1: Evidência juntada ao processo pela acusação.



Colagem de Jacques Carelman para a edição de 1963 de Exercícios de estilo, de Raymond Queneau.



Integrantes do Oulipo em fotografia de 1975, em Boulogne (França).

Solstício:

escrever por vias de pensamento-experimentação

Ao apostar em uma escrita multimodal (noção aceita na literatura, especialmente, na infanto-juvenil) desdobrando seu espaço para a escrita acadêmica (pensada numa dissertação de mestrado), somada aos muitas vezes mal-vistos exercícios oulipianos como performance e ferramenta para fomentar o trabalho didático e a escrita-vida - em certa medida sempre ficcional - assumo, os riscos de abalar relações, perder o respeito de certos leitores ou de quem um dia irá ouvir falar sobre esse estudo e, na primeira oportunidade, dirá: "Que viagem!"

Professora-escritora de mim, eu não era de todo inocente, sabia que corria riscos de represália. Não posso ver um perigo conceitual que já quero entrar no jogo.

Há algo mais sedutor que um conflito?

Em *A coragem da verdade*, Foucault (2010) valendo-se da noção socrática chamará esse movimento-embate de parresia. O li e sabia que

em seu último curso no *Collège de France* ele lançara uma previsão sobre meu destino:

Para que haja parresia é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. (FOUCAULT, 2010, p. 87)

Conceito. Noção. Real. Verdade.
Apropriação. Roubo. Poética. Transcrição.

O que faço aqui, em primeira pessoa, em meu próprio nome, é um transtexto de experimentos de uma vida – a minha - construído através, por entre, difuso e enlaçado, emaranhado aos encontros (inclusive com as múltiplas versões de mim). Não sou igual nem a mim mesma. Essa diferença precisa sempre ser retomada!

Encontros ou violentos esbarrões?

Afinal, não há uma marcação na agenda. Apesar dos períodos definidos pelas horas/aula, o fazer didático se constitui aos esbarrões, avanços e paralisias que se dão para além das paredes de uma sala, há inventividade nisso. Uma inventividade que não mora apenas no artístico.

Em *Criação na Perspectiva da Diferença*, Zordan (2010) faz uma dobra geofilosófica com Deleuze, para articular o acontecimento de criar - não a criatividade empreendedora empobrecida de intensidades e a serviço do capital - mas um movimento rizomático que abarca toda a atividade docente. Longe de qualquer lógica de mercado, a criação não está restrita a um ou outro inspirado, a criação se constitui e se dá a ver na proliferação de conexões cotidianas, no contágio. E esse é um exercício contínuo, que não pode ser ensinado, é intransferível, imprevisível, pessoal, subjetivo. “Sem experimentação, criar é impossível, de modo que

criar implica entrar nas zonas instáveis das experiências" (ZORDAN, 2010, p. 3). O pensamento-experimentação acontece nos degraus movediços das praias da imanência (DELEUZE, 2002).

Partindo das minhas, as experiências se dão como tropeços de uma existência híbrida, feita de crenças, mobilidade, ciências, juízos, espiritualidade, gosto por plantas e dias ensolarados, tempero indígena, antirracismo, um misto de ayurveda, zazen e o raio de iansã no baú do Desassossego. Tomar a esquizofrenia de minhas desventuras ou fracassos de escrita-docência - minhas tentativas insistentes de atingir certa fluidez acadêmica -, pelos exercícios de performance do pensamento ao modo OuLiPo de criação, evidencia minha poética: um relacionamento sempre cheio de desejos e certa animosidade com a academia.

Para que me serve isto? Um manifesto fracassado. Todo mundo quer aprovar, fazer sucesso! Não quer? A meu modo, produzo, assumidamente, um nada ingênuo estelionato de fragmentos filosófico-literários que ao tentar atravessar-me deixaram vestígios, uns mais, outros menos, outros tantos por obrigação... e que na medida de minha desordem intelectual, explodiram em palavras, notas, desenhos, rabiscos falsamente concretos: um corpo celeste incandescente.

Será que essa era a melhor articulação de experiência? Não sei muito bem! Mas é a minha e é com ela que me proponho a trabalhar!

Como seria possível, afinal,
**falar do estético de modo
não estético**, sem qualquer
proximidade com o objeto,
e não sucumbir à
vulgaridade intelectual nem
se desviar do próprio
assunto?

(ADORNO, 2003, p.18)

2.1 Dinâmica relacional: O que faço com o que sinto, com o que leio, com o que escrevo?

Quinta-feira, 14h37, no oitavo andar:

Gente, não vai dar! Não dá mesmo pra pegar dois anos de escrita, socar a vida goela abaixo em um texto engessado, cheio de recortes bem alinhados (dos outros, dos conceitos, dos cânones, coisa que a gente nem se apropriou direito) pra ser palavra com roupa de festa que dois ou três vão ler e que confirma uma hipótese em que eu nem acredito.

Educação não é só leitura e escritura. Docência não é só aula. Pensamento não é transcendência, não é hierarquia, nem linearidade: é irrupção (BENJAMIN, 2009) e experimentação.

E aqui (aqui mesmo, nessas linhas que estás lendo), todos os “não dar certo” são dar certo pra caramba. No fundo, todos sabemos disso!

Eu não tinha um plano
projeto, o que
eu tinha era
um impulso!



A tese da tese é desarmar a docência-vida-escrita por modelo, por estrutura. Trabalhar com o fracasso potencial como mote dessa história é entender que o que nos interessa é a criação como tentativa de afirmar o fracasso a partir de uma microscopia de nós mesmos (PEREC, 2008). Importa não um método e seu resultado como obra pronta. Mas o exercício em si, o procedimento como potência, esse “procedimento que recai e dobra-se sobre si” (ADÓ, 2013, p. 31), o desvio como fecundidade, e é disso que se trata quando falo em performance do pensamento-experimentação.

Nessa lógica, os exercícios de docência-vida-escrita como potência solar permitem que aquela que os cria possa exercer-se, sem o peso das binaridades epistêmicas, sem dualismo, sem polaridades de respostas, rompendo o clichê, tomando a restrição (comum ao humano) como força que impulsiona o movimento de criação,

como nos fluxos da Terra, onde não há certo ou errado, onde não cabe um julgamento pautado em uma estética canônica. Ao contrário, o que eu quero mesmo é desestabilizar o que já conheço. Não há tempo. Um relógio derrete, sem ponteiros.

Quem sabe essa desventura político-acadêmica não desanima as tuas certezas. E aceita o meu convite a experimentar! Ou melhor, aproxima-te e compartilha comigo essa experiência.

Eu tenho que manter o foco, mas as notícias não param! É difícil acompanhar o caos do mundo – hoje ultrapassamos a marca dos 624 mil mortos - e ainda contar histórias, malabarizar todos esses conceitos densos. Li numa folha amarela, dessas espalhadas por aí que a criação é um *dever*, é nisso que eu vou me apegar. Importa não o fim, mas contar-lhes o que fora pensado nos intervalos, no movimento, no pulsar deste instante. Como diriam aqueles criminosos que fazem

marketing para o governo: “~~o~~ Brasil a invenção não pode parar!”

[...]

A sempre atarefada professora de língua portuguesa e literatura, escrevia em suas horas livres. Livres da personagem e conteúdo-marketing empreendedor que (re)produzia por 40 horas semanais. Horas presas às 3.200 do curso de Letras, dos 12 anos de escola estadual, dos 17 cadernos de caligrafia, das milhares de tentativas de escrever com a mão direita (cês sabem que a esquerda é sempre coisa de comunista, algo próximo do diabo).

Descobriu a dislexia já adulta, escrevendo gódico gógico dógigo. Ah, essa gagueira da linguagem, repetição, repetição, repetição. Pense em algo luminoso! Um alívio! A grande dificuldade em não saber ler direito não era

burrice, falta de empenho ou má-vontade. Até porque, vontades e desejos não lhe faltavam. Nem mesmo as lógicas capitalistas de um mercado pós-moderno aniquilador puderem estratificar-lhe o desejo. Eram os signos (os solares, lunares, ascendentes), os códigos, letras, números, imagens lidas, vistas com os olhos, com as mãos ou com os ouvidos que se embaralhavam. Em verdade, 314 53W7R3 70R3 1 P0T3NT3 L31T0R3 D3 1NV3NÇ035.

Atriz por impulso natural, ela interpretava bem a persona moderna. Unhas bem feitas, maquiagem em dia, traje social alinhado, a cotação do dólar sempre atualizada, conhecedora dos algoritmos de buscas do Google. Era especialista em SEO: uma engenharia pautada em criar conteúdo digital que em um ranking caro, pago por clique ou visualização, dá àqueles que têm tradição em estar no topo da

hierarquia empresarial/social as primeiras posições nos buscadores virtuais, os que repetidas vezes estarão diante dos meus e dos teus olhos, o que resulta em maiores chances de impactar (formar opinião) usuários e fechar bons negócios. Quem ganha com isso?

Fazendo uma aproximação, a escrita acadêmica não seria uma espécie de ranking virtual em que algumas ideias/conceitos/tradições/autores retroalimentam-se e criam uma cadeia que dá a ver apenas o que está canonizado, validado ou, como no caso anterior das buscas no Google, aquilo que está na primeira página de pesquisa de um buscador de virtualidades, que só reflete, refrata e humaniza determinadas vozes e corpos (BAKHTIN, 2006)?

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] Forma-se então uma política das coerções que são um

trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe (FOUCAULT, 2010b, p.119).

Assim, o conhecimento dos espaços onde comumente se diz fazer educação, bem como o buscador, segue sendo especialmente, ocidental, masculinizado, eurocêntrico e cristão. Marginalizando ou exotizando noções, leituras, experiências discursivas que não as padronizadas, pesos, corpos, culturas, cores, identidades, espaços de educação e gêneros outros que não os já consagrados por um sistema de manutenção do *status quo* de uma determinada prática-pensamento do/discente.

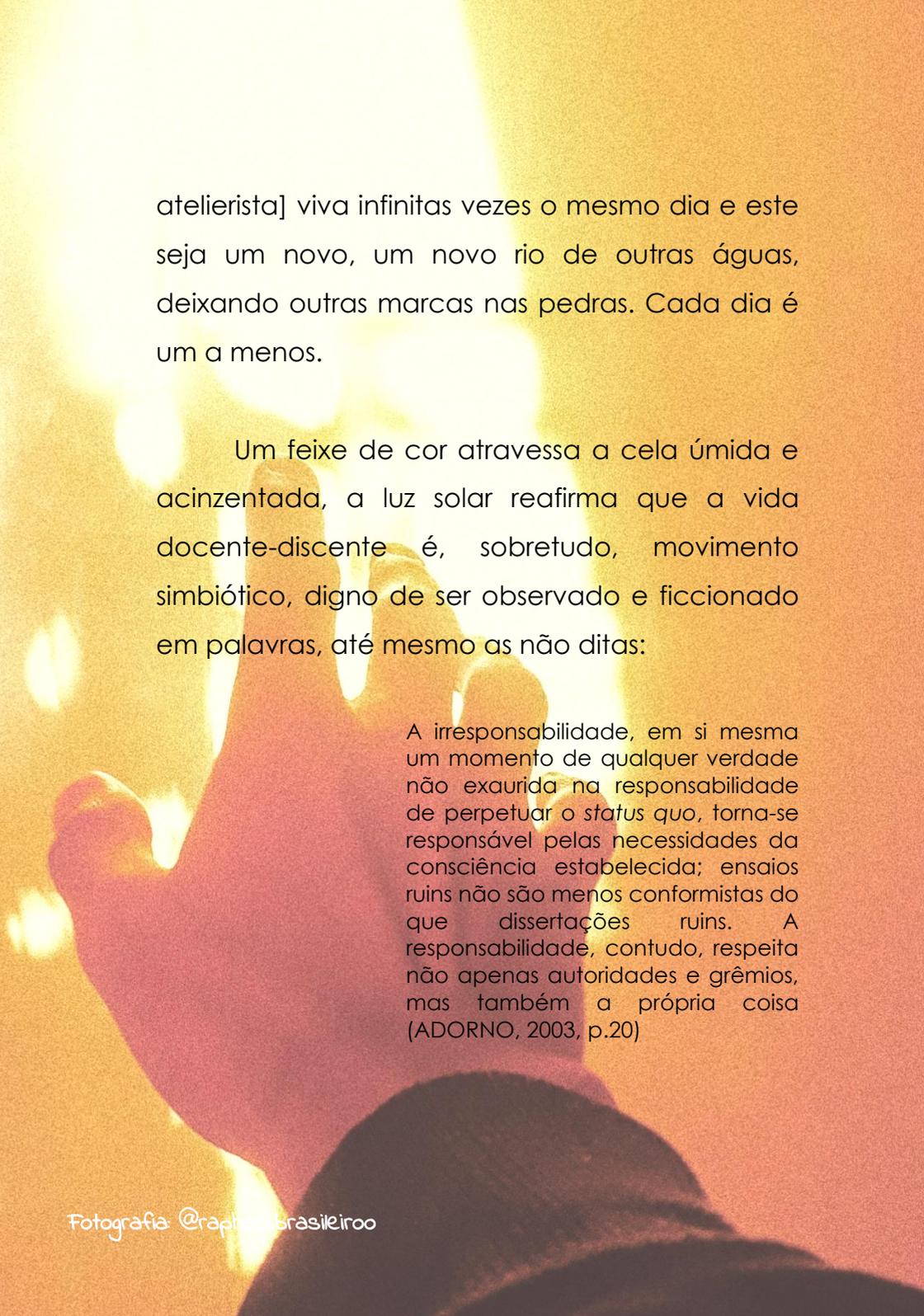
[...]

Ignorância mesmo
é continuar (re)produzindo
uma ensimesmada
erudição de gabinete.

Shamash

Ao exercer uma atividade profissional sacralizada – ainda que muito mal vista, porque todo mundo sabe que ninguém quer fazer licenciatura. Eu mesma quando vi o caso dessa moça, logo pensei: eu não desejo isso pra ninguém! – e distorcê-la para produzir uma docência de fuga da forma perfeitamente programada de busca por uma misteriosa divindade, bastante eloquente, chamada sucesso - sucesso é êxito no quê? Confesso que até hoje eu não sei -; a docência como passagem, transposição de limiares de sua própria vida-obra, não estaria ela escrevendo uma espécie de ficção fadada ao fracasso, uma heurística de inacabamentos, um tentar irrepetível e inesgotável?

Os dias no cárcere eram assim, de digressões e questionamentos. Tudo era incerto. Como um movimento de perda de memória recente que faz com que um eu [inevitavelmente



atelierista] viva infinitas vezes o mesmo dia e este seja um novo, um novo rio de outras águas, deixando outras marcas nas pedras. Cada dia é um a menos.

Um feixe de cor atravessa a cela úmida e acinzentada, a luz solar reafirma que a vida docente-discente é, sobretudo, movimento simbiótico, digno de ser observado e ficcionado em palavras, até mesmo as não ditas:

A irresponsabilidade, em si mesma um momento de qualquer verdade não exaurida na responsabilidade de perpetuar o *status quo*, torna-se responsável pelas necessidades da consciência estabelecida; ensaios ruins não são menos conformistas do que dissertações ruins. A responsabilidade, contudo, respeita não apenas autoridades e grêmios, mas também a própria coisa (ADORNO, 2003, p.20)

Adorno (2003), ao nocionar um entendimento sobre o gênero textual do ensaio aclara, dentre outras coisas, a desnecessidade de prescrições para tal criação. Pensemos não no gênero em si, não na estrutura, mas em ensaiar, o trabalho crítico que forma uma narrativa de diferença e repetição.

Não lembro do longo e ruidoso corredor escuro. Nem da lâmpada que só acendia quando estávamos sob ela. E cada vez que eu tentava olhar para trás, havia apenas escuridão. Não lembro da brutalidade do ranger do solado dos coturnos esmagando o chão. [Seriam novos?] Não lembro da falta de ar, do coração acelerado, pulsando na minha garganta. Não lembro dos olhos brilhantes na escuridão, gritando obscenidades sobre meu corpo, meu cabelo, meu modo de andar. Parecia até que eu estava na rua, num dia comum.

Fui condenada, mas isso não é de hoje. Condenaram-me desde o nascimento com o corpo e a identidade desalinhados. O tempo passava e o desalinhamento tornara-se abismo. Não bastava a consciência de classe, não bastavam as leituras, não bastava o desejo de seguir a vida docente, não bastava a voz engrossar, não bastava o cheiro, os pelos, o meu andar desajeitado, os peitos que naturalmente não seriam fartos. Disfarçava o que não era, como ninguém. Já que o que era, não podia ser disfarçado. Autocuidado era tentar não desistir de mim, era não ouvir os ruídos das ruas, não perceber os olhares, era estrategicamente esquecer episódios inteiros do livro dos meus dias e, ainda assim, seguir contando a história. Graciliano Ramos (1994) não queimava as páginas de suas Memórias do Cárcere? Se o cárcere era o meu próprio corpo, imagine, então, quantas vezes não pensei em queimar por inteiro?

Não à toa, meu texto de cabeceira da vida toda havia sido *O mal-estar da civilização*, escrito em 1929, pelo psiquiatra Sigmund Freud. Tudo bem, eu sei que devo estar bem errada por falar aqui, como tantos outros que você já leu, sobre o que um homem branco e europeu que filosofa sobre a devastadora sensação de estar no mundo moderno, com ponteiros girando vertiginosamente ao contrário da maioria daqueles que o rodeiam. Ainda assim, permita-me contar a minha tradução de *Unheimlich* (FREUD, 1996). Esse é um daqueles termos mesclados, tão enredados na língua e na cultura de quem o forja, que há quase um século levanta controvérsias. O termo *Heimlich*, pode ser entendido como familiar, apesar de significar também oculto, secreto. Adicione ao que é familiar, conhecido, a prefixação de negação. O não familiar. O desconhecido. O estranho. O que provoca estranhamento (MARTINI; JUNIOR, 2010). Para

além do alemão, outros idiomas concebem esse termo como inquietante, desconfortável e demoníaco. Se agora mesmo, por curiosidade, você googlar essa palavra, o algoritmo trará a tradução como: arrepiante.

Seja como for, Unheimlich é o que sinto nas diferentes esferas dessa história [a minha]. Unheimlich é despertar pela manhã como Gregor Samsa. E inquietantes, nesse caso, não são os sonhos, mas ter de ser, de fato, um gigantesco e repugnante inseto, vivendo preso sob uma dura carapaça (KAFKA, 1997).

Unheimlich é também desejar uma escola que é, que está ali, cheia de vida, de potência, de afetos alegres, de paixões que põem a vida em movimento, ao passo que não é permitida ser, porque há uma força estrutural que a pré-determina. É ter um detonador na garganta e ter de falar pausadamente, de novo e de novo, que o agora não tem consulta e mesmo que as

respostas sejam a lápis, inevitavelmente, marcarão uma a uma as páginas. ~~[Mesmo assim, rabisque!]~~

Unheimlich é entrar no pavilhão 3 sabendo que estávamos todos no mesmo navio. Todos. Nós. Eles. Eu. Paulo Vitor. Cyclano. Bola de Pelo. Gaivota. E outros tantos companheiros de cela, de desterro, ausentes ou presentes, com seu olhar metafísico, seus discursos miseravelmente críticos e entre teorias e análises literárias, nosso mal-estar vai forjando uma política, uma sociedade, uma gente, uma sexualidade, uma escrita que é uma e são várias. É o já lido e o inventado. É o tensionamento crítico da releitura. A mentira e a verdade brincando de tradução. O mal-estar do cárcere, da impossibilidade de escrita, da proibição, da punição, converteu-se em pretexto para instrumentalizar-me com outras formas de imaginação, de fabulação ~~política~~ poética. Um olhar atento ao que se produz.

Munidos de artefatos ficcionais, conseguimos [isso inclui a ti] ver além de nossas vendas ideológicas. O in-criado vive, é real. A realidade não está pronta, não nos é dada, no agora ela é uma disputa.

Proibidos, cercados, restritos, contingenciados, encontramos dentro das limitações do espaço-tempo, meios de expressar nosso fracasso potencial. É a potência de uma gota d'água que rompe a barragem.

[...]

Esrevo para mudar a mim.
Pensamento-experimentação como
exercício para mudar a mim.
o mundo irá mudar com ou sem
esta história.

Calor, né?

Que que é?
Quem você pensa que é pra ficar
puxando assunto comigo?

Você é novo por aqui?
Prazer, Enunciação!
Eu costumo falar.

Novo? Eu sempre estive aqui.
Trouxe você àquela noite.
Não lembra?

Pensando bem... Acho que não. Eu não lembro
quando alguém é machista. Não lembro quando
alguém é violento ou autoritário. Não
lembro quando alguém é fascista. Tampouco,
lembro quando alguém usa coturnos novos.

Estou distraída demais, olhando
essas nuvenzinhas coloridas que
saem das gotas de suor,
femininamente translúcidas, e
escorrem pela minha pele.

Coturnos novos





Colagem de Jacques Carelman
para a edição de 1963 de
Exercícios de estilo, de
Raymond Queneau.



Integrantes do Oulipo em fotografia
de 1975, em Boulogne (França).

Equinócio:

O OuLiPo como didática

Mas o que é que o OuLiPo tem a ver com isso?

O OuLiPo é como uma capa de invisibilidade do Harry Potter, como o veneno shakespeariano que une os jovens Montéquio e Capuleto para sua própria eternidade, o líquido precioso com a indicação “Beba-me” que fez Alice encolher e testemunhar sua ficção insólita sob o ponto de vista das pessoas loucas. Ou mesmo, como a desculpa fajuta que Ulisses, o Rei de Ítaca, usou para passar 20 anos fazendo mochilão pelo mundo antigo e se permitindo experimentar cada fantasia, feitiços e invenções, cantadas pelo cego Homero. Um rolê famosão, chamado Odisséia.

Guardadas as devidas proporções, o grupo francês OuLiPo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*), fundado na década de 1960, por Raymond Queneau e François Le Lionnais como

reação ao grupo Surrealista - que defendia a criação artística como transcendência, na retrógrada visão de inspiração poética -, traz consigo suas regras formais, de anagramas, palíndromos, poemas bola de neve e outras tantas estratégias de ler-escrever-dizer-performar o pensamento que atuam como soro antiofídico, onde o próprio veneno é o que salva este corpo, o que dá vida, ou melhor, o que multiplica a vida, através de uma tal literatura potencial.

Em *Porque ler os Clássicos*, o também oulipiano Ítalo Calvino (1993), cita Queneau para explicar a profundidade do contingenciamento provocado pela noção de poeta inspirado.

Ora, essa inspiração que consiste em obedecer cegamente a qualquer impulso é na realidade uma escravidão. O clássico que escreve a sua tragédia

observando um certo número de regras que conhece é mais livre que o poeta que escreve aquilo que lhe passa pela cabeça e é escravo de outras regras que ignora (QUENEAU *apud* CALVINO, 1993, 261).

Nesse entendimento, o restrito não significa repressivo ou reprimido. Pois a restrição toma o já conhecido sob a regra de criar relações, incorporando a complexidade de um fazer literário, mobilizando um insólito conjunto organizado de significações e inusitados acontecimentos linguísticos, matemáticos e imagéticos.

Vestindo a capa das restrições oulipianas, como uma espécie infinita de didática para criar exercícios de estilo do ler, do escrever, do traduzir, do bordar, do artistar (CORAZZA, 2006), enfim, do fazer docente [confesso que até mesmo de um estar no mundo] cabe aqui

explorar na materialidade textual algo que tenho chamado de fracasso potencial.

Os italianos, Gianni Vattimo e Aldo Rovatti (2011), constituem um conceito ético, político-filosófico, ao qual nomeiam pensamento fraco. O que seria aquele que opera na errância, na inconstância e inconclusividade. Na contramão ao pensamento forte metafísico que tem como efeito maior o silenciamento diante da evidência incontroversa “e que não deixa mais espaço para perguntas posteriores, é como uma autoridade que cala e impõe sem dar explicações” (VATTIMO; ROVATTI, 2011, p.30).

Vattimo, assim como Deleuze é um leitor de Nietzsche [e também de Heidegger] e toma suas reflexões, como uma introdução a um processo de constituição do pensamento filosófico pós-moderno, lançando seu olhar e

discurso pelo viés da decadência, das ruínas do pensamento, tecendo com eles sua crítica à modernidade. O pensamento fraco [interseccionado com Nietzsche e Heidegger] marca, então, a posição do ser-para-morte, do humano sujeito frágil. Sem a noção do Ser fundamental (HEIDEGGER, 1979).

Nesta seara, a experiência do pensamento tensionado, fragmentado, poroso, atravessado por falhas e fendas abre o humano para possibilidades outras de uma experiência de existência dessacralizada, diluindo as fronteiras entre real e ilusão. O conhecimento é uma metáfora do pensamento.

Aceite, não há mais espaço para um fundamento último, para o colonizado e mercantilizado pensamento/gênero moderno. Vivemos a era de dissolução do ser.

O fracasso potencial, noção que procuro defender e forjar, está inscrito nessa dimensão do pensar-fazer que, deslocando marcadores de poder (DELEUZE, 2010), arquiteta-se na percepção sensível aos fluxos dos signos, tentando escapar das armadilhas da representação.

Em *Sobre o teatro: um manifesto de menos*, Deleuze (2010) faz uma atenta análise da trajetória do ator italiano Carmelo Bene, considerando a representação teatral como oficial e institucionalizada, partindo dela para buscar formas de atuar que transponham o poder desse teatro. Afirma que o que se produz à margem disso, seria uma criação subterrânea, menor, à margem das margens, que viabiliza desvios, linhas divergentes à “cena modelar em meio à qual tudo gira em torno do signo majoritário” (BELLONI, 2018). Na

infraordinariedade das aulas e de nossos processos íntimos de visita despreziosa ao que fazemos, leituras de crítica e crise, no límen do pensamento, o experimentar provoca a suspensão de papéis, produzindo na imanência, no instante presente, no deslocamento de nossas paixões, efeitos de estranhamento (DAWSEY, 2009).

Desse modo, aliando o pensamento fraco ao fracasso potencial, que é o efeito dessa subtração de personagens marcadores de poder, e entendendo a constituição ético-política e filosófica da literatura oulipiana, constituo uma séria organizada de práticas e significações a qual poderia entender como uma didática possível. Pois o OulLiPo não se apresenta como uma didática, essa dobra no termo polissêmico é minha, para arquitetar uma máquina de criação constituída por uma

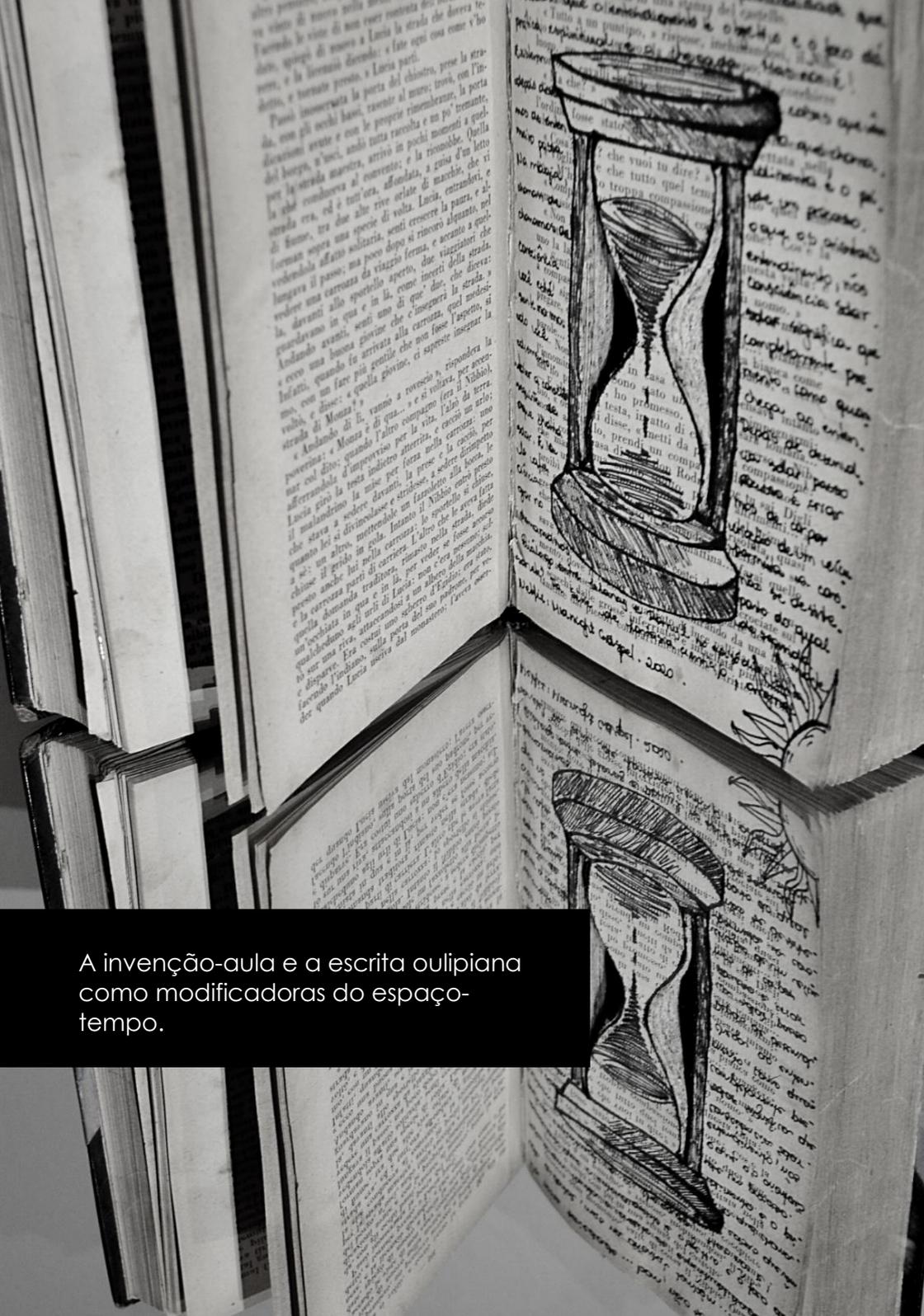
prática que não está pautada em um ideal transcendente de docência, do modelo racionalista, menos ainda de uma definição de escritora ou mulher, é apenas um permitir-me ser-me. Um processo de autocriação dentro de suas restrições que opera como uma luminosidade catalisadora da experiência docente, dando potência para todas as matérias em movimento, as forças e vozes que em mim habitam.

Nesse colchão fétido que acolheu a tantos, numa pulsão insone de pensamento, perpasso a fenda entre o dentro e o fora reviro o tal *ethos* problematizador da filosofia da diferença e faço *tweet*, onomatopeia, mapa, haikai, ilustração, RAP com ídolos-totens (FREUD, 1974), sem uma deliberada preocupação com o que seria ou não o real.

[...] o ato educativo converte-se em experimentação pública do trabalho do pensamento, traçado pelo diagrama de forças das escrituras tradutórias e formalizado em arquivos transdisciplinares, transculturais, translinguísticos, transemióticos (AQUINO; CORAZZA; ADÓ, 2018, p.8).

No exercício oulipiano, o pensamento-experimentação opera um desenraizamento, uma raspagem, desgasta a ideia unívoca e presunçosa de um real. OuLiPo é um atelier. E o que faço é sobreposição, justaposição, ponto-cruz, artistagem, crochê de noções sem precisão, escrita sem linhas, tentado descolonizar o pensamento, é "*noção deleuziana do limite como potência*" (MACHADO, 2009, p.144).

Abrem-se as cortinas e tudo o que vêm é
luz, alegria e espanto.



A invenção-aula e a escrita oulipiana como modificadoras do espaço-tempo.

Currículo:

[subs. masc.]

Força

homogeneizante

que nos assola numa carreira

(mal)dita

por amor.

Shamash

3.1 Docência é ficção?

Há um pensamento ficcional? O que o manifesto fracasso tem de ficcional? Aliás, o que é mesmo ficção?

Ficção é um estar no mundo!

Quem duvida de Macondo?

Quando estou em aula, como aluna ou professora, conto e sou parte de histórias para tecer relações, interpreto personagens múltiplos, esbarro com meus juízo-prévios e crio a todo instante um tempo-espaço imaginário-real, uma verdade que como jogo, é acordada entre jogadores, entre o factível e o improvável:

[...] trata-se de um deslizamento de escrituras que tomam vidas e obras por meio de um paroxismo da linguagem escrita. Paroxismo que quer tomar a Educação de assalto e repercutir nesse espaço, o educacional, os efeitos de

leituras múltiplas. (ADÓ, 2015, p.17)

Assim, performando o pensamento por meio da escrita multimodal inventam-se mundos, galáxias, vidas de quem escreve e de quem lê esta escritura fora de si, filosofia da imanência [composição conjunta], meio novela, meio ficção científica, nunca subordinada à repetição mecânica de conceitos e limites da experiência (MUSSETTA; ADÓ; PEIXOTO, 2021).

Nesse jogo, dança, manuscrito inconcluso, “espaço jamais derradeiro” (ADÓ, 2013, p.21), onde docentes e discentes são leitores e escritores de histórias múltiplas - a mão que escreve é despersonalizada (BARTHES, 1977) e ao mesmo tempo as relações que estabelece entre autora, leitora, aluna e professora, são íntimas e únicas - é preciso resistir

ao espectro de normatizações de todo tipo: dos corpos, do pensar, do sentir, do fazer, enaltecendo o direito de ser a partir do experimentar, “*do trabalho docente que é eminentemente poético*” (AQUINO; CORAZZA; ADÓ, 2018). Uma docência-vida de pensamento-experimentação é pura emergência e incerteza.

A potência solar dos fracassos como experimento, como questionamento da natureza das coisas, faz com que se encontre fissuras nas fôrmas e se escape dos limiares canônicos forçando:

[...] rachaduras para que possa devir o novo, para que haja lugar para o desconhecido, enfim, para que a vida encontre formas de se manter viva (ADÓ, 2015, p.21).

Reconhecer o fracasso como força potente para o criar é também aceitar que o contato com a diferença de que nos falam Deleuze e Guattari (1994) – minha com outrem, minha com outras de mim, com minhas verdades do passado, minhas projeções para o presente, realidade, verdade, ficção, teoria – tem “muito pouco (ou nada) a ver com a imitação de um modelo ou a aplicação de um método” (KASPER; SILVA, 2014, p.711).

Pensemos juntas! A exemplo desta discussão pós-moderna, poder-se-ia mencionar a chamada cultura de massas que num levante vem pluralizando, de modo irreversível, as relações com o estético, cosmovisões dos sistemas, é o desfazimento de uma reiterada visão hegemônica, branca, masculina, europeia ou estadunidense de liberdade (VATTIMO, 1992).

**Restritos, porém
libertos?**

Restrição,

pulsação,

pulsão,

explosão,

criação,

Escrileitura, microrrevolução

cotiana.

Shamash

Não lembro como cheguei aqui. Não lembro como cruzei todos esses corredores, portões, grades. Não lembro dos gritos nos corredores. Não lembro se alguém disse que me escreveria uma carta. Não lembro se alguém gritou que gente do meu tipo não costuma durar muito por aqui.

[...]

Estava quase desacordada, o corpo febril delirava, após meses de tortura, interrogatórios e da convivência quase desprezível com alguns outros detentos. Naquela manhã quente de setembro, o carcereiro de olhos grandes e atentos, sempre acompanhado, aproximou-se do meu leito de quase morte, e com uma voz amena e segura, disse-me: Senta-te e escreve!

Ao contrário da agilidade misteriosa com que Lázaro levantou-se e andou. Aqui, não há uma força sobrenatural que me leve a comprovar minha tese da tese, meu pensamento-experimentação como hipótese para uma educação multimodal. Aqui, neste texto, neste estudo, neste ensaio [não o gênero, mas a tentativa de algo] que reúne *punctuns*, lacunas, noções-cruzadas, não há um lugar onde se quer chegar, uma prova de que esse pensar é o certo, o justo, o verdadeiro. Este é minimamente um ponto de vista do meu próprio processo de criar e pensar esse criar, da vida que se ficcionaliza em obra acadêmico-literária, que virará título. Que por sua vez, parece ser uma certeza. Mas não é mais que um registro testemunhal, carimbado por um representante de um órgão público, afirmando que um sistema do qual divirjo muito, atesta que

rumos e cursos não estão apontados...

esse processo de criação de um eu inventado, de um mundo inventado, de espaços de educação pouco verossímeis, cumpriu com os requisitos mínimos para deixar de ser devaneio. Pior, como manifesto é o próprio devaneio assumido como literatura, como visão crítica e real de mundos imaginários, “trata-se da biografemática veraz de uma vida imaginária”(CORAZZA, 2015, p. 29).

Enfim, reunir estas noções aos meus lapsos, inconstâncias, devir-animal, devir-mulher em uma literatura que traz as margens para o centro das discussões, que faz das notas objeto de estudo com olhar de escritora-atelierista é resistência, é a potência solar desse ser-ilha, que naufragado constrói distintas dimensões e relações com tudo o que existe, porque tudo que é uma vez

pensado/inventado, não mais deixará de ter vida.

Com a negação da espera surrealista de Breton pela inspiração, tomar o grupo OuLiPo e suas restrições como didática não nos exime de compromissos. Não é essa a questão! A grande sacada que torna possível uma didática oulipiana é agarrar-se ao jogo linguístico, matemático e gráfico restritivo – que supostamente atua como limitador dos procedimentos de escrita, assim como o velho conceito institucionalizado de fracasso - como caminho que dá certa operatividade à relação transversal escrita-docência-vida.

Contacto y contagio, así se procesa la escritura como reescritura. Contagio de textos. Contagios de vida. Por lo tanto, la reescritura suele ser la escritura misma, su versión prontamente asumida como no original, como el desplazamiento del lenguaje

que hace de la traducción un hecho brutal, una transcreación diabólica y que no pide permiso (ADÓ; MUSSETTA, 2020, p.269).

Na restrição estabelecida de não poder escrever, sem lápis, caneta, tinta ou qualquer aparato tecnológico, os desterrados de outras histórias, reclusos, afastados de sua própria literatura, de sua própria língua e cultura, tinham nos visitantes a única fonte de interlocução com o fora. Logo, a saída era um certo escambo, um tráfico de influência. Até os textos de intelectuais nunca antes citados circulavam pelas celas.

Eu sabia que tinha muito invertido fazendo balbúrdia por aí!

No pátio, um pilar de madeira apodrecida fixado à tela, com dezenas, melhor, centenas de grampos enferrujados,

parecia formar uma escada difusa. Seria uma parede de escalada para o olhar? Um subterfúgio naturalmente inventado por quem teria tempo suficiente para olhar com atenção as existências mínimas, os detalhes de uma vida?



Detalhes de uma vida transpostos em traçados de uma obra ou detalhes de uma obra que são, ao mesmo tempo, atravessamentos de uma vida se entrecruzam assim como as mitológicas serpentes que lemos, também, nos textos de Paul Valéry; víbora que nos veste e sorrindo mostra sua língua bífida; despreza com argúcia o veneno vil da morte douta em favor do inimitável sabor de si-mesma. Autocriação, *ouroboros*, serpente que se come pela cauda (ADÓ, 2015, p.19).





Colagem sem título, de
@moon_patrol (2020).



Colagem intitulada Three
Brothers, de @moon_patrol
(2020).

Poéticas do Cárcere

ou Fragmentos de um Crime
doloso

Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas
Passado, presente
Participo sendo o mistério do planeta
Antonio Pires e Luis Galvão

Agora a sociedade acadêmica dormirá
mais tranquila e segura. Menos uma!

de fato, deixara de ser uma, para tornar-se várias,
vários, um bando, um elenco, uma trupe.

Quero ver como essa delinquente fará
exercícios de manifesto sem poder escrever
uma única palavra!

“Quando a experiência nos é subtraída
hipócrita ou sornateiramente” (BENJAMIN, 1996,
p. 115) é como se o chão estivesse interditado,
não há caminho, para frente ou para trás,

restando-nos apenas o testemunho sempre ficcional da experiência.

Estima-se que uma consequência natural da pobreza seria a incapacidade linguística, o corpo carente de pão, seria também pobre nas palavras. Estariam certos?

Viviam ali, todos eles, miseravelmente, alijados de sua terra, da casa da infância (BACHELARD, 1993), de um existir com ou sem escola, de uma educação pela experiência e pela companhia. Há outra instância de compromisso linguístico, a da experimentação do pensamento em um mundo rodeado de palavras que não necessariamente estão no nos livros, bem longe das filosofias teorizadas por um tom academicista, uma instância onde o trato com a linguagem é, por vezes, mais importante que o próprio enredo (CORREIA, 2013).

Adaptado de DA VINCI (1510-1513).

onde vai parar tudo o que a

Letra escrita não pode conservar ?

O que a contece

Como que

ficou fora do livro ,

Mas o a com panhou

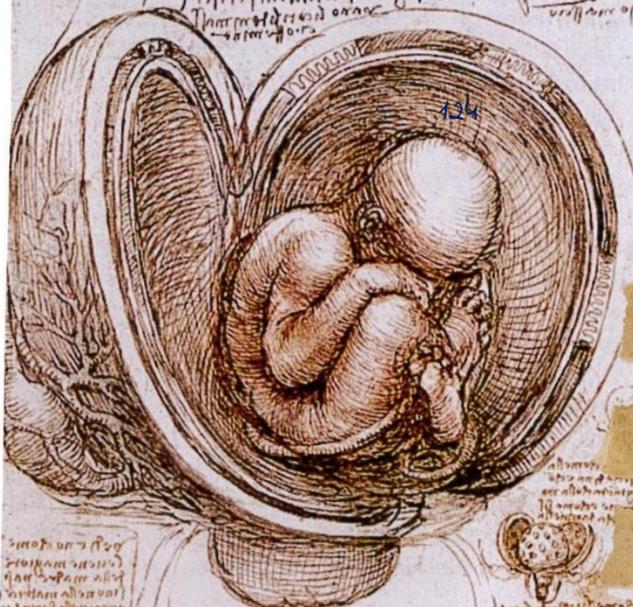
em algum momento ?

Câmara A glular 20 17

O sol brilhava

O assunto era vasto e seu cérebro vacilava.

no céu nublado



Pra essa história ser mais verossímil, faltou apresentar os companheiros [sim, somos um bando, isso está posto, não se vive só sobre a terra, nem mesmo nas profundezas do que escrevemos/pensamos], os que já estavam lá.

Como esses oulipianos gostam dumas coisas escritas diferente, eu pensei numa lista para contar quem eram os outros detentos que dividiam a apertada cela com Enunciação e seu heterônimo Shamash. Só que eu sou só a narradora mesmo, não cabe a mim emitir nenhum juízo de valor. Já disse pra vocês que não sou muito de reparar na vida dos outros, faço só o meu trabalho.

Do que me contaram, estavam lá:

- **Paulo Vitor**, aquele bêbado asqueroso, de trincar os dentes mais sensíveis;
- **Bola de Pêlo**, o porco comunista;

- **Cyclano**, o narigudo que se achava O último romântico;
- **Baleia**, a que ninguém entende o que diz, lembro que riram de sua fala, de seu acento. Mas o que inquietava mesmo era entender, como uma Baleia achava que poderia sobreviver ao sertão?
- **Gaivota**, a nunca presa, a resistente, que migrava de tempos em tempos, sobrevoando os pavilhões e provocando richas.

Paulo Vitor, aquela estranha figura, emanava um calor úmido de quem vive sob o mau-tempo, suas roupas cheiravam a pelo de animal molhado pela chuva e seco pela vida sem sol. A garrafa de Whisky ou rum, o acompanhava, era a extensão do braço. O odor forte do álcool era, por sua vez, a extensão

de suas palavras, quase que por si só. A cada respirada ofegante, dizia coisas que em um primeiro instante pareciam não fazer o menor sentido. Resmungos. Rosnados. Grunhidos. Com o passar do tempo, entendi que éramos nós que não estávamos com os ouvidos, olhos e antenas suficientemente afinados para captar-lhe os sinais.

Bola de Pêlo estava ali desde 1984. Traído por seus companheiros, mas especialmente por seu ímpeto, quase um narcisismo. Deixou-se levar pelo pensamento identitário, pautado cegamente na luta de classes. Seduzido por um poder que tanto lhe atormentou, foi condenado por tentar criar um modo mais ou menos horizontal de relações na fazenda. Ah, o campo e suas lutas!

Cyclano vendia, melhor dito, sublocava o seu conhecimento, sua desenvoltura com as

palavras. Assim como muitos de nosso tempo, que escondem sua trágica feiúra humana atrás das telas, protegidos pela armadura dos pixels e do distanciamento, ele era o intelecto por trás de outros rostos, a voz articulada que, com um charme linguístico, enganou. Fora condenado por estelionato.

Sobre Baleia, eu não tinha muito o que dizer. Ninguém entendia bem o que uma fêmea, naturalmente animal fazia ali. Era uma companheira silenciosa, incansável. Sempre tomava a frente do grupo.

Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam (RAMOS, 1994, p. 9).

É possível blindar-se sendo um personagem?



Uma cachorra atropelada, um bêbado,
um escritor falsário e uma professora podem ser
uma família?

*o bando, sem dúvida,
tornou-se família, como um
arranjo afetivo.*

Logo nos primeiros dias na cela, Enunciação percebeu que a higiene era compartilhada. Havia um discurso não-verbal que estourava-lhe os tímpanos. Nada muito diferente da escola, da universidade, dos espaços públicos. A tecnologia de gênero (PRECIADO, 2019) operava ininterruptamente e essa narrativa, tão enraizada na doutrinação do pensamento, no contingenciamento da experiência, fazia com

que naturalizasse a maldita cena de entrar no banheiro, cheia de pudores e ser obrigada ficar de pé, diante de todos. Ali, as instâncias do íntimo e do privado mesclavam-se, como um microfone que não foi mutado durante a aula online.

Sabendo que o pessoal é político, para a afirmação de um estar no mundo, é também preciso lidar com aparatos sociais de reconhecimento (PRECIADO, 2019).

Em contrapartida, o não reconhecimento, é uma tentativa de negar a humanidade, a existência desse que não é um, nem o outro, mas um terceiro, quarto, quinto, um modo expandido de experienciar e tecer relações com nossas ficções mais íntimas e significações que constituem um acordo, o real (LATOURE, 1994).

Não pensem que eu não me esforcei o bastante. Tentando ao máximo adaptar-me ao novo território, repetia gestos, performava o masculino para minimamente participar da cena cotidiana (CONNELL, 2016).

Meu pai sempre dizia que um princípio básico em fazer a barba é prestar atenção para não cortar o pescoço.

Como não cortar a garganta? Vendo ali, na solidão do pequeno espelho, do banheiro dividido com tantos, o corpo, o rosto, a barba que teima em crescer...

O feminino acostumado a violentar-se, corta. Arranca os pelos. E sobrevive, apesar de conservar intacta a memória da cidade devastada pela guerra.

[...]

Um corpo poliglota que divide atenções, mescla histórias e imprime intimamente marcas, rabiscos, ou um esboço que nunca será o desenho final, na obra inconclusa do que somos, do que vamos sendo a medida em que nos forjamos nessa gruta úmida de espanto, calor, proximidade e certa solitude (BEAUVOIR, 2018).

Poderiam me acusar de tudo. Menos de infidedignidade com a reconstituição do que inventei!

Após longos dias juntos, já não havia mais histórias para contar. Todos já sabiam porque Enunciação que sempre fora Enunciação, tinha papéis com outro nome. Sabiam e a admiravam por ser devota do sol, estudiosa da cultura suméria, elegera Shamash como seu heterônimo político-literário.

As cartas já não mais chegavam, cada um já havia contado sua história, lido todos os manuscritos escondidos no pavilhão 3, discutido leituras, brigado por cada um professar uma fé nas palavras a seu modo e admirado a forma como cada um dos outros escrevia a própria experiência da carne e do pensamento.

Ainda que o sol cumprisse religiosamente seu ciclo, o tempo parecia estagnado.

Com o toque de recolher, às 21h em ponto, estavam todos sentados no chão acimentado. Alguém, de longe, cantarolava. Baleia dava voltas pela cela, parecia dançar, podia se dar ao luxo de obedecer regra nenhuma. Não era gente, era bicho e sabia disso!

Como quem aceita o convite
Enunciação, levanta-se, pega um colar
amarelo de contas e o coloca dentro de uma

já amassada caneca de alumínio, igual a de todos os outros.

Balançando o novo instrumento, recém criado, num compasso incerto, a moça de pés grandes rodava e provocava:

E eu invento a obediência
Você inventa Deus
E eu invento a fé
Você inventa o trabalho
E eu invento as mãos
Você inventa o peso
E eu invento as costas
Você inventa a outra vida
Eu invento a resignação
Você inventa o pecado
E eu fico aqui no inferno (TOM ZÉ, 1976]

Com o tempo, o inferno do cárcere aproxima as pessoas. Algozes em comum estranhamente nos unem. Não há nada como a identificação de quem sente o mesmo nó na garganta.

Estávamos juntos para tudo. Tudo! Eu era uma a menos nas ruas e escolas. Paulo Vitor, um bêbado a menos nas tavernas espalhando seu descontentamento. Cyclano, um a menos vestindo suas ideias com trajes de festa palavrando um amor que era negado a gente com a sua aparência [gente como eu sabe bem como é essa sensação]. Bola de Pelo, todos conheciam, eu mesma vi até o filme de sua história. Apesar das incontáveis acusações, ninguém nunca conseguiu, de fato, comprovar seus crimes. Parece que ver um porco alimentar os seus, é crime em Suméria.

Quando baleia morreu na história, ninguém imaginava que ela só havia mudado de livro. Como não entendíamos bem o que dizia, não sabíamos como fora parar lá. O que se sabia é que, vez ou outra, quando um não-protagonista ganha o gosto do público,

quando um nordestino aparece, se não for pelo escárnio, pela graça dita comum aos seus, a morte parece sempre o caminho mais comum, talvez alguém chore, mas é normal, acontece muito.

Já Gaivota era desses seres meio divindade, meio réptil.

Na tarde de 22 de janeiro, Ela reuniu a todos e disse: Eu sei em quem podemos encontrar planos de fuga!

Querem saber?

Túneis são o clichê de fuga de todo corpo encarcerado! A gente se aperta, se espreme, quer sair logo e ao mesmo tempo quer levar tudo, mas tudo o quê? Só o necessário. Mas o que era necessário? Os cadernos da adolescência, os jogos e rimas, as fotografias instantâneas dos anos 1990 com balõezinhos de diálogo? Os tickets de show daquela banda? Ingressos de cinema, comprovantes de eleições perdidas [todos perdemos], a saudade dos que não puderam se vacinar, dos que não podemos mais tocar? O que cabe no corpo, nos bolsos, atrás dos olhos, na pele, foi isso que levamos.

[...]

Rastejamos por horas. Até que...

Paulo Vitor, ao longe, grita: Não vê que estamos perdidos! Enunciação, respira lenta e profundamente e em um tom grave, responde: Sigamos em frente, seja lá para onde for essa estrada (TAKIMOTO, 2021).

[...]

Tranque. Cerque. Isole. Deixe que apenas um grupo tenha acesso a algo.

O bloco mais alto e mais distante do nosso tinha anjos no teto, Deuses, Deusas, Ninfas, Flores existentes e inventadas.

Nunca fomos de fato barrados. Se trabalhássemos muito, se gerássemos energia suficiente... ainda que exaustos, veríamos o letreiro cintilante.

Gaivota, vez ou outra circulava por lá. Seria pela estirpe, pela técnica ou pelas asas? Talvez nunca saibamos.

Certa feita, quando perguntada sobre de que se tratava aquele pavilhão, fez-se pedra.

Sem tirar os olhos do bordado, perguntei apenas: "a que estão condenados aqueles?"

Gaivota, olhou-me por cima dos óculos e disse: "a acreditar que apenas o que fazem é cultura".

Ao nosso lado, o menino Leandro costurava pedacinhos de Bach e fazia história. Ovi dizer que havia sido condenado a 1.6 bilhão. O isso significa mesmo?

Gaivota e eu não conversávamos muito, ruidosa, ela sempre estava atarefada demais sobrevoando o império acinzentado de pavilhões com cadeiras descosturadas, bancos desconfortáveis, chuva de cupins e livros, muitos livros. Em vários deles, podia-se ver quadros de uma professora diante do quadro, esse era seu símbolo, a insignia da mulher salamandra, que construiu nosso tempo.

Mas eu imaginei que mulheres fossem outra coisa! Eu tinha a impressão que esse tipo

de gente era diferente! Eu esperava outra coisa de você! Li e, não sei... parece que falta alguma coisa, talvez um toque mais leve, mais feminino!

A visão hegemônica que objetifica/fetichiza/orientaliza o outro no paradigma.

Esse texto só se vê bem com Indie Flower, Amsterdam Four, Century Gothic e Gotham Black instaladas em seu computador. Ainda assim, você jamais terá a minha experiência com essa leitura. Que é minha e somente minha. O máximo que posso fazer, para aproximar-te deste texto, é formatá-lo num instante congelado do espaço-tempo, retido em um PDF. Você pode marcá-lo com outras cores, incluir comentários. Mas essa nunca será esta leitura

A forma [do corpo-texto] é conteúdo sócio-histórico decantado (ADORNO, 2003).

A colonização de nossos desejos

Enquanto trilhávamos nossa linha de fuga, em uma incursão, descobrimos que outros detentos os "desaparecidos" eram os responsáveis para que tivéssemos água, luz e alimento.

Nós apenas? Não!

Eles mantinham todo um sistema. Um sistema que se alimentava de seu poder de exploração e alienação. Avançamos em silêncio. Rastejando pelo túnel estreito.

Os que ficaram sob a luz vigiando-nos pela escuridão, vez ou outra ainda questionavam: o que é o real?

Shamash

4.1 Três quarks para muster mark: exercícios de estilo

Criemos palavras extraordinárias, com a condição de usá-las da maneira mais ordinária, e de fazer existir a entidade que elas designam do mesmo modo que o objeto mais comum (DELEUZE, PARNET, 1998, p.4)

Ouvi dizer que todo projeto constitui-se na pretensão, no desejo de. E Enunciação planeja, aqui, trabalhar com *Finnegan's Wake* do Joyce e a Biblioteca de Babel do Borges para, sob as restrições oulipianas, tornar alguns dos textos que são produção da linha de pesquisa, exercícios de estilo, num só livro de muitas vozes, reunindo diversas vertentes que, nessa seara da Filosofia da Diferença e Educação, emancipam mundos imaginários com seus dentros e foras, legitimam vidas criadas apenas para aquelas

páginas e que ainda assim, jamais poderíamos afirmar que não existiram de fato. Aqui manifestam-se todos!

À noite, escondida, enquanto os demais tentavam recompor-se da enrascada em que se meteram, Enunciação fazia recortes com as mãos, no único livro que todos já tinham passado os olhos. Os detentos mais antigos, queriam os novos textos, devoravam as páginas como se nelas encontrassem novos ares.

Eu achei mais é certo ela ter procurado a boa-nova para ler. Talvez assim, encontrasse salvação!

Ela estava juntando as palavras para montar um livro ficcional, marca da religação dos seres humanos com uma certa espiritualidade. Peneirando palavras, recortando, organizando...

De repente, ouve um ruído, surpreende-se e todas as palavras caem ao chão. Empurra empurra, correria. Não deveriam estar acordados àquela hora. As tarefas do dia seguinte acumulavam-se e não esperariam pelo sol.

Esperta, esgueira-se por trás de uma coluna e permanece calada, contendo a respiração, dirão até que ela tinha poderes para controlar a própria pulsação, evitando ser notada. Os carcereiros passam, homens, desatentos aos detalhes, vangloriando-se das conquistas e violências diárias.

Quando em segurança, Enunciação retoma sua tarefa e começa o bordado daquilo que será sua grande invenção.

*No princípio era o caos. E as Deusas
sabiam que o caos era bom.*

Estávamos reunidos em um lugar de muitas línguas, muitas histórias, conhecimentos de todos os tipos, tamanhos, validados ou não. Um lugar assustador e inquietante, composto:

[...] de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêm-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente (BORGES, 1970, p.38) .

Cyclano e Paulo Vitor já estavam ali há muito mais tempo, haviam lido de tudo, cartas, bulas, receitas, listas, comentários, manifestos dos mais variados, tudo era político. Enquanto lemos, vez ou outra um texto escolhe a gente, arrebatá, arrebatá porteiras e dá um tom de deslocamento. A gente sempre sabe que tem um jeitinho de contar diferente a mesma história.

Com onomatopéias...

Baobá

O, o, o, ooiê, o, o, o, o, ooiê! – plaf, plaf

O, o, o, ooiá, o, o, o, o, ooiá! – plaf, plaf

Oê, oê, oê, o, o, o, o, oê! – plaf, plaf

Oê, e, e, e, oê, oía! – plaf, plaf

[...]

Tu, tutu, tuf, tuf, tu, tutu,

tum, tu-tum, tu-tum, tu!

O, o, o, ooiê, o, o, o,

o, ooiê! – plaf, plaf, tu-tum

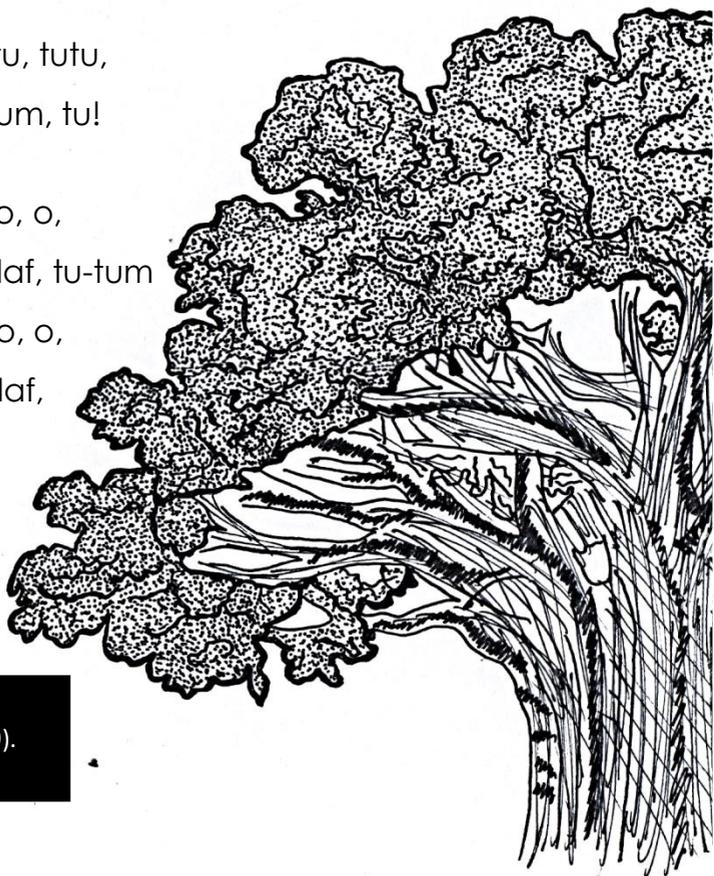
O, o, o, ooiá, o, o, o,

o, ooiá! – plaf, plaf,

tu-tum

Maculelê é o rei

da valentia!



Com exercícios de passatempo, de recombinação das palavras, os conceitos, pegar os rabiscos da porta do banheiro e trazer para a aula, para a dissertação, para o livro...

Os Passatempos de Suméria

Memento mori. Se o seu tempo acabasse hoje, você lembraria de ter brincado com as palavras?

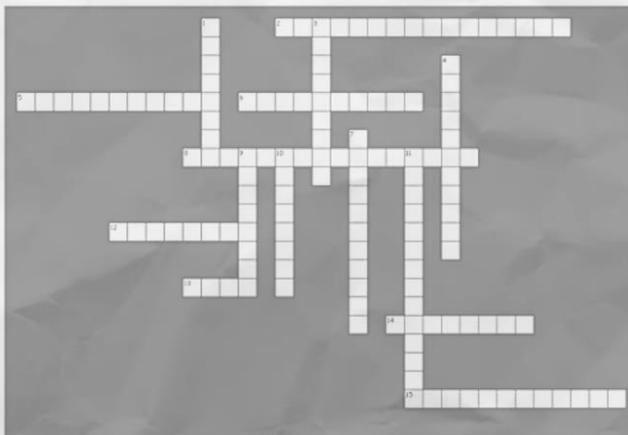
Horizontais

- Sinônimo de aconchego (presente de vô) que, neste caso, foi analogia para um exercício potencial de debate sobre a composição e prática docente.*
- Efeito que evoca uma presença participativa, um contato sensível com o universo composto por diferentes elementos, uma relação de afetos, uma concretude de percepções?*
- Exercício de escrever-se com a docência, escrever o que está inscrito em si e na própria experiência.*
- Elemento marcador do espaço íntimo, ao passo que é público e democrático, utilizado como painel para apresentar as mais diversas manifestações de afetos e perceptos daqueles que por algum momento o ocupam.*
- Prática que se dá por meio de ações de tradução e criação de currículos, conteúdos e encontros, Instância organizada de elementos que constituem percepções e realocam inquietações, sem solucionar, mas instigar buscas.*
- Orixá que tem um molho com 7 instrumentos de ferro e que ensinou aos humanos como forjar ferro e aço?*

Verticais

- Noção perspectivada por meio de certa escritura, no âmbito de suas práticas cotidianas dimensionadas pelo currículo e pela didática, através de uma atitude e experiência poética.*
- Noção múltipla, multifacetada que cria relações entre interlocutores (podem ser elas de aproximação ou afastamento), testemunhando, inventando e criando autorreconhecimento.*
- Segundo a autora, efeito produzido a partir de uma autobiografemática, sendo explorado para pensar e nomear o processo de formação docente.*
- Morador do Condomínio Spartacus, que está constantemente embriagado. Homônimo de um notável educador brasileiro.*
- Sacadas geniais, velozes e furiosas que criam relações neuronais luminosas. Coisa da nossa cabeça*
- Elemento sobre o qual a autora propõe um exercício de modelo vivo.*
- Noção central que nomeia e enlaça todas as noções anteriores*

Palavras Cruzadas



Caça Palavras

R	M	W	E	R	O	L	E	Y	L	I	N	G	U	A	G	E	M	S	N	F	L
T	E	E	P	O	R	T	A	S	D	E	B	A	N	H	E	I	R	O	Y	R	E
K	W	F	O	W	C	I	G	W	B	E	P	E	H	N	D	S	A	B	T	T	S
W	L	S	P	A	U	L	O	F	R	E	I	R	E	I	I	T	O	T	N	S	M
O	A	M	A	I	H	E	L	S	T	N	P	R	H	N	E	F	T	L	I	R	H
Ã	R	O	G	O	E	R	Ó	E	L	L	H	A	E	N	E	O	F	W	O	A	
Ç	E	E	N	S	I	E	P	R	T	F	E	P	V	I	N	K	S	Y	O	O	E
A	N	S	I	H	E	A	O	F	A	E	S	N	H	W	T	I	N				
C	T	E	I	S	E	N	R	S	D	E	N	I	W	I	R	C	F	E	E		
U	R	V	F	I	U	T	T	E	S	O	Ã	Ç	A	I	R	C	O	T	U	A	T
D	C	H	O	I	E	N	O	G	U	M	E	N	M	E	G	A	U	T	A	T	
E	S	R	I	Z	D	A	R	T	S	D	A	C	E	L	T	P	S	O			
H	E	R	P	S	D	O	C	Ê	N	C	I	A	S	W	L	E	R	E	C	O	I
E	W	E	T	I	L	B	E	H	S	G	A	I	C	N	Ê	I	R	E	P	X	E
T	C	O	L	C	H	A	D	E	R	E	T	A	L	H	O	S	E	S	T	N	E
E	T	N	O	B	I	O	G	R	A	F	E	M	A	B	I	E	H	D	S	S	I

Talvez nem o melhor relacionado, o melhor, aluno, melhor leitor saiba exatamente o que está fazendo. Fazemos. E vamos sabendo a medida que a coisa e nós estamos em processo, no *“movimento errático do acaso”* (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 11).

Laborintus

Evernote. Anote tudo! As notas têm tanto valor quanto a experiência, são ferramentas de revisitação de si. Disse o malabarista enquanto construía caminhos e estruturava paredes ao seu redor.

Em movimentos sincrônicos, pendia para frente e seguia adiante com seu potente corpo
fervilhante de eus,
jogando para cima e aparando três claves
espaço-texto, espaço-corpo, espaço-aula.
Jogando, jogando, jogando.

A cada volta no ar, as claves reviravam o passado recente, impulsionadas pelo movimento novo e deixando rastros da experiência mais remota.

Propunha-se desacelerar partículas, no entanto
Mais uma clave,
Mais uma clave,

Mais outra,
Que tal um monociclo?
[...]

Caosmos mental, milhares de notas, de claves
incandescentes, pirotecnia, sedução, signos do
jogo.

Já bem longe do circo, o malabarista, viu-se
então tentando equilibrar-se na linha tênue entre
o movimento livre e os desejos acadêmicos.

Havia erguido um gigantesco labirinto.
Estava preso e com as mãos ocupadas demais
para fugir.

Desesperado, o corpo movia-se ainda mais
rápido

Produzindo efeitos imagéticos inimagináveis

Sempre defendera um caminhar errante,
nômade,

Mas à medida em que avançava no jogo, mais
sentia-se longe da saída.

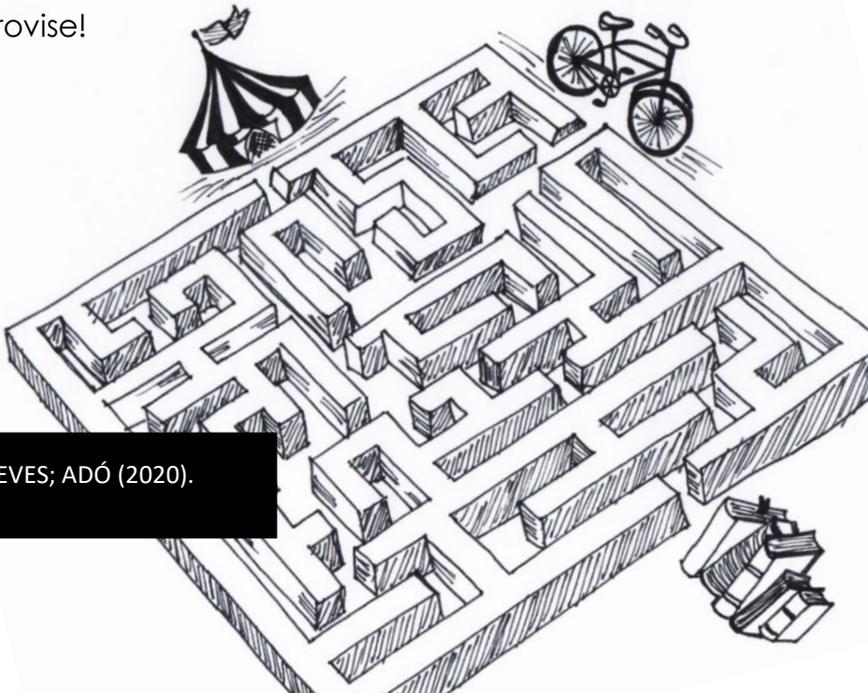
[...]

Até que estando ele diante de uma pequena
porta
Muito pequena (num entremeio realficção)
Pensou: como é esta porta e sua
Portabilidade? Transporta-nos?
Como poderia atravessá-la sem deixar cair
nenhuma das claves, sem sair do meu
monociclo?
Como posso ganhar o jogo?

[...]

Um palhaço que sorrateiramente observava essa
história, de longe gritou:

Improvise!

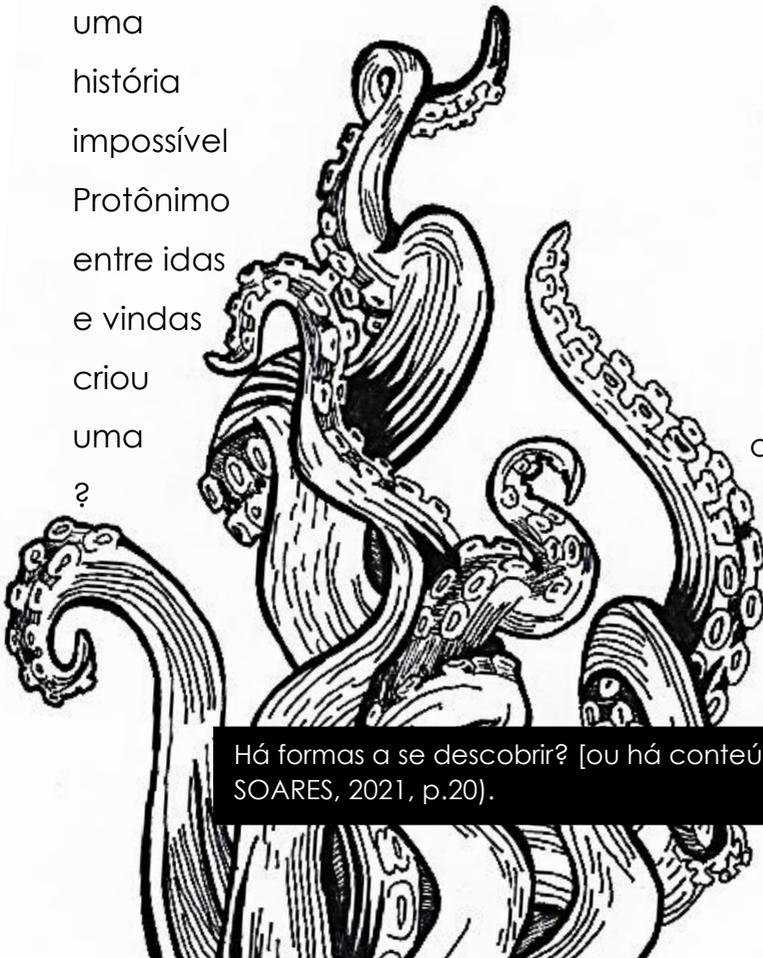


E quando Paulo e Cyclano nos falavam dos processos de fazer texto e ser texto, de marcar nossa história com uma educação multimodos, nós que já havíamos lido mesmo que um pedacinho do manuscrito de uma História Impossível, não podíamos parar de pensar no indiciário de Protônimo...

Tá tudo pronto, só falta escrever

Na
sua,
nessa
tentativa
de criar
uma
história
impossível
Protônimo
entre idas
e vindas
criou
uma
?

O
que
eram
aulas,
novela
contante,
ouroboros,
indiciário,
exercício,
repetição
desfigurada,
esquecimento,
decomposição?
DIYferença!



Há formas a se descobrir? [ou há conteúdos a se inventar?]
SOARES, 2021, p.20).

Sentir na pele as palavras e os silêncios, esse era o texto favorito de baleia. Os substantivos soltos, as imagens sobrepostas, o furor, a saudade de uma mãe que partiu, o amor embaralhado com o conhecimento e com a liberdade de um corpo que quer e precisa contar a própria história...

Virgínia

Língua

Texto

Pele

Ferida

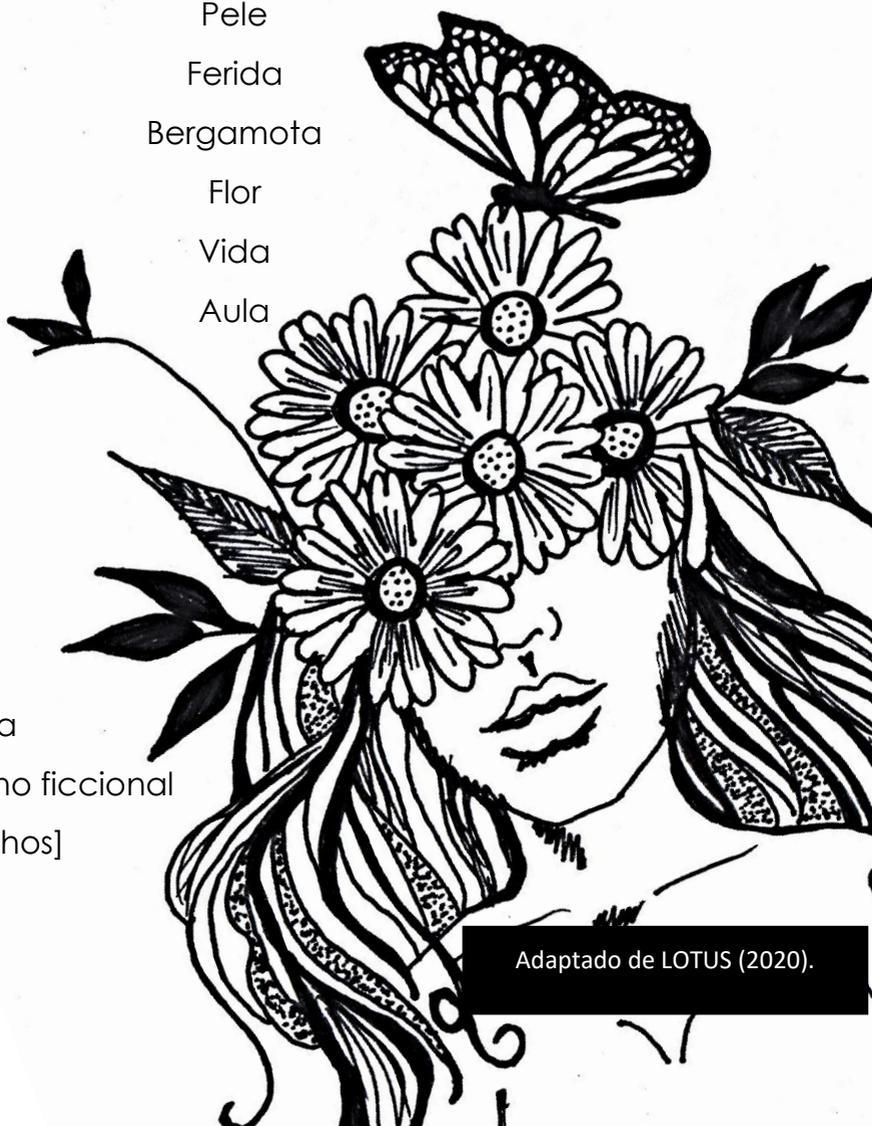
Bergamota

Flor

Vida

Aula

[Fotografia
testemunho ficcional
para os olhos]



Adaptado de LOTUS (2020).

e aveva perciò d'alloggiare un comandante, e
il vantaggio di possedere una stabile guarnigione di
soldati spagnoli, che insegnava la modestia alle fanciulle
e alle donne del paese, apprezzavano di
tempo le spalle a qualcuno
sul finir dell'estate, non
nelle vigne, per tirada
dini le fatiche della vend
quelle terre, dall'alture al
tro, correvano, e corrono
più o men ripide, o piane;
tra due muri, donde, alzar
che un pezzo di cielo e c
tanto elevate su terrapieni
zia per prospetti più o m
e sempre qualche nuovi,
piglian più o verso della
condo che questa o quella
spunta o sparisce a vicin
altro, dove una lunga lis
specchio dell'acqua: di qu
piuttosto smarrito in un
montagne, e di mano in
monti che si spingano, e u
l'acqua riflette capovolt,
di là braccio di fiume, po
va a perdersi in lucido se
che l'accompagnano, de
quasi anch'essi nell'orizz
contemplate quei vari spet
parte: il monte di cui pa
al di sopra, d'interno, se
rilevate, mutabili quasi
tornandosi in goghi cioè
sol giogo, e comprendend
vi si rappresentava sulla
di quelle falde temper
di quelle falde temper
orna vie più il gruppo dell'altre vedute
Per una di queste serate, tornava dal Lago della
passeggiata verso casa, la sera del giorno 7 novembre



A constância na docência, na criação,
na arte, assim como a noção de real é
uma quimera. Uma besta híbrida, feita
de devaneios, fabulações de quem
ousa fazer da vida performance de
pensamento-experimentação.
#SHAMASH

5. Shamash: o jogo inesgotável

Somos partes feitas de vazios, lacunas, desistências, torpores e rompantes. A docência, pelos vieses da ficção multimodal, é sobretudo poética infraordinária: basta um feixe de luz para criar/inventar vida (SHAMASH, 4.000 a.C, p.70)

Em *Biografemática na Educação: Vidarbos* (2015), Corazza dialoga com Barthes enlaçando pontos importantes para esse movimento sempre inconcluso de conceber vida-obra. Nos diz que “pôr vida na obra, implica atos de mutação, que se engajam no disfarce e no mascaramento” (CORAZZA, 2015, p.26).

Invocar Shamash, a deidade Solar segundo os Sumérios, o povo mais antigo de que se tem registro, para dar nome a este capítulo e ao heterônimo assumido pela protagonista diz muito sobre o que se defendeu até aqui.

Dialogando com as produções da linha do PPGEDU-UFRGS que faz Escreleituras Artistas, Variações, sob o sol, somos vultos da mais pura indefinição, despersonalizados, não mais se sabe quem testemunha, inventa, vive ou escreve. Por isso, ao ser condenada por ser quem era, de Maria Enunciação fora tirado o direito de enunciar, de dizer, de escrever, mas não de pensar, de elaborar, de fabular, de imaginar, muito menos de criar. Traduziu-se, autocriou-se na leitura das produções de seus companheiros de desvios. E sob a orientação de uma certa Gaivota,

trilhou seu plano de fuga. O vício de fazer ficção não sossegava, não dava trégua. Uma linha invisível costurava as palavras, embaralhava os códigos, permitia criar mundos. Tiraram-lhe os lápis, canetas, cadernos. Amaldiçoaram as folhas em branco. Mas que escritora gosta de páginas vazias? Tiraram-lhe as aulas, os alunos, os diálogos alegres de uma educação viva, pulsante, jovem. No entanto, paredes, grades curriculares, diretrizes, corpus, nem gênero algum poderiam arrancar-lhe a capacidade de inventar politicamente outros caminhos e práticas possíveis.

Nas palavras de Corazza que cita Barthes:

Inventa o autor da vida, ao pulverizar o narrador da obra. Escritura de vida, risca, inscreve, traça e ocupa "o terreno do tempo por uma energia de

inscrição inteiramente
perversa" (CORAZZA, 2015,
p. 26)

5.1 Um manifesto urgente, sem pressa!

Escrever. Sentir. Pensar. Desejar. Roer unhas. Enviar o link. Registrar presença. Preencher formulários. Referenciar. Discordar. Duvidar. Sentir saudade. Avaliar. Esticar as costas, há 2 anos doloridas. Manifestar. Coçar os olhos já exaustos de pixels. Amalgamar a vida inteira, a experiência toda da escola, aula, nota, publicações, proficiência, CAPES, CNPQ, reitoria, almoço a R\$1,30 com suco. Colocar todas as cartas para jogo. Romper o tecido social e continuar a história sempre em bando.

Desconfiar [...] de qualquer fim para o qual a história inevitavelmente se encaminharia. A história não obedece a nenhuma lógica, a nenhuma dialética, a nenhuma racionalidade (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 10).

Fracasso na tentativa de *identificar* um sujeito que é efeito de linguagem à deriva de si, com bandeiras mais ou menos posicionadas, encravadas nas palavras, nas imagens, nas fotografias, nas cores e no que não disse. Com tantas leituras, apesar de todas as discussões, vacilo no dualismo. É urgente desconfiar da nossa própria razão!

Enganam-se os que creem que falta um pouso, um lugar de calma, um ninho bem conceituado para dizer que educação, ficção, invenção, docência são isto ou aquilo.

Manifesto, é a isso que me propus.
Foi para isso que convidei vocês!

Afresco. Aquarela. Bordado.
Bricolagem. Cópia. Cola. Exercício de
contágio. Não ao uno, mas à
multiplicidade! À interligação de suspeitas,
às especulações, à imaginação, à
afetividade, às dobras, à porosidade de
conceitos que não sei bem o que são, à
complexidade do que sou, apenas sei que
este não se trata de um manifesto anti-
acadêmico.

Poxa, você pensou isso? Então, volte para o
começo do jogo.

Dizer que há um lá e um aqui, eles e
nós, orientalizar e vilanizar conceitos,
teoria, prática, ciências duras ou naturais,
não nos torna únicas, fundamentais,
autênticas ou inovadoras.

No lugar disso, brindemos ao que nos propomos a ser: Proliferadoras.

Desfazer. Desmistificar. Decompor.

Hay una tendencia a la universalización en todas partes, y todos más o menos vestimos iguales, y todos comemos más o menos el mismo tipo de comida. Eso no es "globalización", es un proceso histórico –siempre ha sido así– de incorporación de nutrientes de diversos tipos que inciden en todos los órdenes de la existencia (JITRIK, 2017, p. 451).

Um manifesto é um convite e uma convocatória? Joguemos o jogo da diferença, da gagueira, não da hierarquização.

A expressão é intersemiótica.

Jogar, perceber, espriair o olhar para a complexidade poética e simbólica da existência, do pensamento, da fluidez

sensível das relações de que elevam nossa potência (MARIN; KASPER, 2009) – diluir a dicotomia sujeito-objeto – forjar modos de fazer-viver-ocupar.

Tecer um estudo embasado teoricamente e arquitetado como crítica à academia [que vêm pautando uma rigorosa maquinaria de destroçar projetos irregulares, plainando terras e pensares], não é pela academia propriamente dita. Não se trata de uma crítica à instituição universidade. Não a uma, nem a todas as outras.

Criticar sim a reconhecimento, o conhecimento dado pela representação, a classificação, o jogo forçado da não contradição, que define, delimita, determina. *Em vez de perguntar "é verdade?", perguntar "como funciona?"*.

Não interpretar, mas experimentar
(CORAZZA; TADEU, 2003, p. 16).

Explorar toda a riqueza verbal e não verbal desta centena de páginas, através de um emaranhado de cenas, encontros, diálogos, esquecimentos e artefatos do oral, do esoterismo, do histórico, do ficcional para afirmar a força-frágil do coletivo (ZORDAN, 2020).

Desestruturar a totalidade. Deslocar marcadores de poder institucional, não para retirar força do universo acadêmico, mas para afirmá-lo como múltiplo, potente, complexo, pluridimensional, reforçado por tantos modos de operar conhecimentos. Estimular o exercício docente e a propagação de conhecimentos como inconclusão, como afirmação da própria vida, do pensamento cheio de rupturas, de estrias,

de marcas, de pequenas mortes (GALEANO, 2002), de vazios e transbordamentos comuns a tudo que é vivo e sobre a terra se move.

Admitir que o conhecimento da-se/constitui-se de avanços e paralisias como a vida, de modo “indireto, indiciário, conjectural” (TESTA, 2011, p.129),

Ah, concepção de uma docência-vida linear, hierárquica e binária como tem sido é moderna, inovadora, empreendedora. Assumir de peito aberto o fracasso potencial, entrar no jogo e estar viva, com e apesar disso.

Nada se tem a perder, quando tudo o que se tem é o fracasso. A existência fracassa, pois é frágil e é dessa fragilidade que emana a sua força.

Eu não caibo no 36?

Na academia teme-se falar em
fracasso,
justifica-se cada desvio como algo
infrutífero,
nega-se a folha amassada,
a nota em post-it,
a rasura,

a fotografia em baixa resolução,
o tropeço no penúltimo degrau,
o quadro torto.

O buraco feito pelos cupins na
porta é mascarado por um cartaz
que anuncia um “evento especial”.

E vivemos, dia após dia
sob a escuridão de uma
heurística do medo.
Medo de assumir que desse jeito já
não dá certo.

Que é o 36 que não me cabe!

Shamash

Não mexe comigo, que eu não ando só!

ABBOTT, Edwin. Planolândia: Um Romance de Muitas Dimensões. Tradução Leila de Souza Mendes. São Paulo: Conrad. 2002, 128 p.

Disponível em:

https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2011/01/abbott_planolandia_book.pdf Acesso em:

10 mai. 2020.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela; CORAZZA, Sandra Mara. A escrita sociográfica como didática transcriadora e produtora de presença. ETD - **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 271-288, ago. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8635647>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Educação Potencial: autocomédia do intelecto. Tese de Doutorado.

UFRGS, 2013. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/69921> Acesso

em: 04 abr. 2020.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. MUSSETTA, Mariana. Apropiaçión transgresiva y multimodalidad en la investigación académica: propuestas de escritura. **Revista Teias** v. 21, n. 63 out./dez. 2020 Seção Temática Docência, currículo, didática, aula: fantástico arquivo político da diferença.

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: ALLIEZ, Eric. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 169-192.

AGAMBEN, Giorgio. **A Potência do Pensamento**. Trad. Carolina Pizzolo Torquato. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v.18 n.1, p.11-28, Jan./Jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v18n1/a02v18n1.pdf> Acesso: 05 dez. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. **Bartleby, escrita da potência**. Editora Assírio & Alvim: Lisboa, 2007.

AMARAL, Laura Neves Ribeiro do. Análise comparativa da interação de Marte com eventos solares transitórios durante um mínimo e um máximo solar. Dissertação [Online] FURG, Programa de Pós-Graduação em Física, Rio Grande/RS, 2019. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/8907> Acesso em: 04 dez. 2020.

ANDERS, Gunther. **Kafka: pró e contra**. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Por alguma poética na docência: a didática como criação. EDUR, **Educação em Revista**. 2018; 34: e169875 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698169875>

ARENDR, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia; Rio de Janeiro: Forense-Universidade, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza**; Nova Atlântida. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo. Cultrix. 1977.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BEAUVOIR, Atena. **Contos transantropológicos**. Porto Alegre: Taverna, 2018.

BELLONI, Arthur. Um teatro de intensidades: subtração dos elementos do poder na cena teatral Contemporânea. **Configurações** [Online], 22 | 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/582>
2Acesso em: 25 mai. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouazet, 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: BENJAMIN **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense. 2012.

BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. Disponível em: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/02/borges-ficc3a7c3b5es.pdf>

BOXALL, Peter. **Twenty-First-Century Fiction: A Critical Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BRADATAN, Costica. *Morrer por Ideias: os Filósofos e Suas Vidas Perigosas*. Trad. GAMBAROTTO, Bruno. 1ª Ed. Grua Livros. 320 p. 2020

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

COHEN, RENATO. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais.**

Tradução Marília Moschkovich. São Paulo : Inversos, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens:** filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara; RODRIGUES, Carla Gonçalves; HEUSER, Ester Maria Dreher Heuser; MONTEIRO, Silas Borges. Escritoleturas: um modo de ler-escrever em meio à vida. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1029-1044, out./dez. 2014.

Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/88444/91331> Acesso em: 03 dez. 2020.

CORAZZA, Sandra Mara. Uma vida de professora. 1. ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005. v. 1. 144p

CORAZZA, Sandra Mara; OLIVEIRA, Marcos; ADÓ, Máximo. (Orgs.). Caderno de notas 7:

Biografemática na Educação: vidarbos. Coleção Escritoleturas. Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2015.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. Manifesto por um pensamento da diferença em educação.

In: CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz..

Composições. Belo Horizonte: Autêntica, p.9-17, 2003.

CORREIA, Paulo Petronilio. Poesia: a máquina de guerra do pensamento. [Online]. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 68-94, jan./jul. 2013.

COSTA, Gilcilene Dias da; IGRAJA, Fabíola de Fátima. Devir-mulher e educação múltipla: cartografias poético-políticas nas páginas-tela clariceana. **REVISTA SIGNOS** - CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES, v. 41, p. 219-238, 2020.

COSTA, Gilcilene Dias da; CARDOSO, Roseli Moraes. Educação como invenção: tempos de aprender/ensinar em águas Marajoaras. **Revista Teias**, Drogas, Medicalização e Educação, v.17, nº 45, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24605/17585> Acesso: 11 dez. 2021.

COSTA, Gilcilene Dias da. Labirintos do filosofar/pesquisar com Nietzsche e Deleuze. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt17_3_052_texto.pdf Acesso: 30 ago. 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DAWSEY, John C. **Por uma antropologia benjaminiana**: repensando paradigmas do teatro dramático. [Online] Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000200002 Acesso em: 11 jan. 2021.

DEBATIN, Gabriel. Pensiero debole e o sentido do ser: o antagonístico distanciamento ontológico entre Vattimo e Heidegger. Dissertação (Mestrado),

Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: Filosofia prática. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**: Um manifesto de menos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1, Tradução de Aurélio Guerra Netoe Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida... Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rev. **Educação e Realidade**, v.27, n.2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291> Acesso: 21 ago. 2021

DEORRISTT, Aline da Rosa. Mulheres caídas: cacografias na educação. Dissertação [Online], Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183>

[/188194/001085120.pdf?sequence=1](#) Acesso em:
12 nov. 20.

EMEZI, Akwaeke. **Água doce**. Tradução Carolina Kuhn Facchin. São Paulo: Kapulana, 2020.

ESTEVES, Diego Winck; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. ESCRITA E POÉTICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: AUTOFICÇÃO E PERFORMANCE In: ETD: Educação Temática Digital. Campinas. Vol. 22, n.2 (abr./jun. 2020), p. 354-368. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/211672> Acesso: 01 dez. 2020.

FERNÁNDEZ, Macedonio. **Museo de la novela de la eterna**. Ed. Crítica, Ana María Camblong; Adolfo Obieta (Org.). Madri, ALLCA XX, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**, O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.
FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.13, pp.11-191. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FOUCAULT, Michel . **Segurança, território e população**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Freud, Sigmund. O mal-Estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUX, Jacques. A matemática em Georges Perec e Jorge Luis Borges: um estudo comparativo. Tese (Doutorado). UFMG, Belo Horizonte. 2010.

Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-8BQF7G/1/tesefinal2010revisada.pdf> Acesso: 10 mai. 2020.

FUX, Jacques. W ou o testemunho da infância. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 459-466, out./dez. 2013.

GALEANO, Eduardo. A pequena morte. In: GALEANO, Eduardo. **Livro dos Abraços**. Trad. e Eric Nepomuceno. - 9. ed. – Porto Alegre: L&PM, 2002.

Disponível em: <https://anarquista.net/wp-content/uploads/2013/03/O-Livro-dos-Abra%C3%A7os-Eduardo-Galeano.pdf> Acesso: 01 mar. 2022.

GALIMBERTI, Humberto. Quando a filosofia se renovou com o pensamento fraco de Vattimo. Revista IHU Online. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/609508-quando-a-filosofia-se-renovou-com-o-pensamento-fraco-de-vattimo-artigo-de-umberto-galimberti>. Acesso: 25 jan. 2022.

GALVÃO, Patrícia (Pagu); FERRAZ, Geraldo. **A famosa revista**. São Paulo: Descaminhos, 2013.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. BRAGA, Cibele; VIEIRA, Erika Viviane Costa; GUIMARÃES, Luciene et al. Ed. Viva Voz: Belo Horizonte, 2010.

GUARIENTI, Laise Blancy de Oliveira. A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes. **Geograficidade** | v.2, Número Especial, Primavera 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12848/pdf> Acesso: 21 jan. 2022

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015. Disponível em: http://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2021/01/HAN_BYUNG_CHUL_Sociedade-do-cansa%C3%A7o.pdf Acesso: 28 dez. 2021.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue** : as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu, 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

HEIDEGGER, Martin. Fim da Filosofia e a tarefa do pensamento. In. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. E. Stein. SP: Abril Cultural, 1979.

INVISIBLE, Comité. À nos amis. La Fabrique Editions: Paris, 2014. Disponível em: <https://juralib.noblogs.org/files/2014/12/Anosamis.pdf> Acesso: 06 mai. 2020.

JITRIK, Noé. La literatura es una historia maravillosa de fracasos esenciales. Entrevista. In: Belivuk, Alexander; Degadillo, Diego Florez; Terenzi, Juan Manuel; Rodríguez, Miguel Ángel Schmitt; Gómez, Santiago, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177606/30%20ENTREVISTA%20No%C3%A9%20Jitrik%20-%20La%20literatura%20es%20una%20historia%20maravillosa%20de%20fracasos%20esenciales.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 21 fev. 2022.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade:** ensaios de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

JOYCE, James. **Finnegans Wake**/ Finnicius Revém - Capítulo 5, 6, 7,8. Tradução de Domado Schüller. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FRANZ, Kafka. **A metamorfose**. 14º ed. Tradução de Modesto Carone, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

LACAN, Jacques. Seminário XVII: O avesso da psicanálise Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1991.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOURE, BRUNO. O objetivo da ciência não é produzir verdades indiscutíveis, mas discutíveis. Entrevista. **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 mar. 2017. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/di%C3%A1logos/bruno-latour-o-objetivo-da-ci%C3%Aancia-n%C3%A3o-%C3%A9-produzir-verdade-indiscut%C3%A9veis-mas-discut%C3%A9veis-1.306155> Acesso: 08 fev. 2021

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOTUS, Steph. Biopoética do Infravisual: experimentar uma escrita fotográfica na Educação. Dissertação [Online]. Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS. Porto Alegre, 2020.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARIN, Andréia Aparecida; KASPER, Kátia Maria. A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano – ambiente. **Educação em Revista** ; 25(2): 267-282, ago. 2009. Disponível em: scielo.br/j/edur/a/TVTJKgxtNb8DdxFDXldk9g/?lang=pt Acesso: 01 dez. 2021.

MEIRELES, Fernanda. Cartas ao Zine Esputinique: escritas de si e invenções de nós da rede. Dissertação [Online]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9130>

Acesso: 01 fev. 2021.

MUSSETTA, Mariana. La ficción Multimodal: breve recorrido teórico y principales supuestos actuales. In.: ARCE, Leandro *et al.* **De la imaginación a la representación**. Bahía Blanca: Editorial de la Universidad Nacional del Sur [...] 2016, p.100-122.

MUSSETTA, Mariana. Materialidad y multimodalidad en nuevas formas de ficción novelesca contemporánea. **Revista Luthor**, 2017a, p. 16 -27. Disponible em:

<http://www.revistaluthor.com.ar/pdfs/161.pdf>

Acesso: 01 nov. 2020.

MUSSETTA, Mariana. Cuando la novela se ve como otro género: El álbum de recortes como género estructurante en The Scrapbook of Frankie Pratt. **Revista de Culturas y Literaturas Comparadas**. Vol. 7. 2017. Disponible em:

<https://revistas.psi.unc.edu.ar/index.php/CultyLit/article/view/19014/18937> Acceso: 29 jul. 2020.

MUSSETTA, Mariana. En busca de lo real y lo auténtico: experimentación gráfica en nuevas narrativas del siglo XXI. **Revista de Ensayo y Creación Hyperborea**. Universidad Nacional de Río Negro, Argentina. Disponible em:

https://www.hyperborea-labtis.org/es/paper/en-busca-de-lo-real-y-lo-autentico-experimentacion-grafica-en-nuevas-narrativas-del-siglo-xxi?fbclid=IwAR0IEpTiH_xevQ2CnjvApHVnMpRNq1rN3OocHThNZsWhDVf8pQoyQIZt_Wk Acceso em: 14 de nov. 2020.

NODARI, Alexandre. A Literatura como antropología especulativa. **Revista da Anpoll** nº 38, p. 75-85, Florianópolis, Jan./Jun. 2015. Disponível em:

<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/836> Acesso: 21 jan. 2021.

NOVELLO, Mario. A interação Gravitacional. **Revista Carbono**, n.5, Dossiê Gravidade, verão 2013/2014. Disponível em:

<http://www.revistacarbono.com/edicoes/05/> Acesso em: 20 abr. 2020.

OLEGÁRIO, Fabiane; CORAZZA, Sandra Mara. Entre incêndios e a didática da tradução. Cad. Pes., São Luís, v. 24, n. 2, mai./ago. 2017. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cademosdepesquisa/article/view/7516> Acesso em: 20 mai. 2020.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. in: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 176 p.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 03 jan. 2021.

PEREC, Georges. **W ou a memória da infância**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PEREC, Georges. **Lo extraordinario**. Madrid: Impedimenta, 2008.

PRECIADO, Paul B. Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019.

QUENEAU, Raymond. **Exercícios de Estilo**. Coleção Lazuli. Tradução de Luiz Rezende. Rio de Janeiro: Imago, 1995. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/b0/Queneau_Raymond_Exercicios_de_estilo.pdf Acesso em: 29 abr. 2020.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. 31. ed. São Paulo: Record, 1994.

REIS, Daisy. Meu Maculelê: sete aulas em cena e um ensaio. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS. Porto Alegre, 2019.

RITZEL, Eduarda; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Entre biografemas e incidentes: histórias insólitas e sem fama de uma professora imaginária. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 06, n. 19, p. 844-859, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/11209/9255> Acesso em: 21 jan. 2022.

ROCHA, Marcela Cristina da. Etnografemas : docências em criação. Dissertação [Online]. Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/200327> Acesso: 05 jun. 2020.

SAER, Juan José. **O conceito de ficção**. Tradução de Joca Wolff. *Sopro*, n.15, 2009. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/n15.pdf> Acesso em: 30 jan. 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo : Record, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor As Batatas**, São Paulo: Duas Cidades, 4.ª ed., 1992.

SILVA, Cíntia Vieira; KASPER, Kátia Maria. Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade **Rev. Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 711-728, jul./dez. 2014.
https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5377/1/ARTIGO_Diferen%c3%a7aAberturaMundo_s.pdf Acesso: 01 mai. 2020.

SILVA, Márcio Seligmann. **O testemunho como chave ética**. *Café Filosófico CPFL* (48:16), 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=08RKcZ5qfx8> Acesso em: 09 mai. 2020.

SOARES, Robson da Rosa. Na invenção de uma História impossível: Exercícios Patafísicos. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

TAKARA, Samilo. TERUYA. Teresa Kazuko. Por uma Didática Não-Fascista: problematizando a formação docente à educação básica. **Educ. Real**. vol.40 no.4, Porto Alegre out./dez. 2015 Epub

25-Ago-2015. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000401169&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Acesso em: 29 out. 2020.

TESTA, Letícia. O CONHECIMENTO COMO DESVIO: DA INFINITA MOBILIDADE DO PENSAMENTO EM NICOLAU DE CUSA. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94811/289807.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Acesso: 27 fev. 2021.

TOURNIER, Michel. **Sexta feira ou os limbos do pacífico**. Tradução de Fernanda Botelho. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

VATTIMO, Gianni. La fine dela modernità. Milão: Garzanti, 1985.

VATTIMO, Gianni. A Sociedade Transparente. Tradução de Houssein Shooja e Asabel Santos. Lisboa, Portugal: Antropos, 1992.

VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo (Org.). Il **Pensiero Debole**. 2. ed. Milano: Feltrinelli, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Inclusão, exclusão, in/exclusão. In: Verve, n. 20, 2011, p. 121-135.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02: pp.81-103. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?format=pdf&lang=pt>

Acesso: 25 jan. 2022.

ZORDAN, Paola Mena Barreto Gomes. A criação na perspectiva da diferença. **Revista Digital do LAV** - Ano III – Número 05 – Setembro de 2010.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/2135/1297> Acesso 11 mar. 2021

ZORDAN, Paola Mena Barreto Gomes. Bricolagens, força frágil. **Contemporanea**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Universidade Federal de Santa Maria, v.3 n.5, e7, 2020, p.01-12.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/contemporanea/article/view/45303/45817> Acesso em: 09 mar. 2022.

ZULAR, Roberto. Ficção como variação de contexto. In: HELMUT, Galle; PEREZ, Juliana; PEREIRA, Valeria (org.). **Ficcionalidade**. Uma prática cultural e seus contextos. São Paulo: FFLCH- USP/Fapesp, 2018. p. 377-398.

Sim, tudinho foi feito pela autora. Assim como os biscoitos de polvilho nas reuniões das quartas de manhã na FAGED.

Ela mesma tirou a foto de capa com o celular.

Todas as texturas são imagens de bancos gratuitos, apenas coladas no word (por isso é um arquivo tão pesado). As fontes são Century Gothic, Gotham Black e Indie Flower (que é essa bonitinha, que dá uma cara de anotação feita à mão).

As intervenções em livros, pág 128 e 169,

fiz com estilete, cola branca e 1 caneta brush

que me acompanhou por 1 ano e meio enquanto

desenhava essa dissertação. Foram R\$7,90

muito bem investidos! Nomes, endereços e homenagens

estão por toda parte e serão sempre essa marca

de uma educação conversa que se faz com.

Adeus
ethos messiânico de salvação
da educação,
da criação
como um poder sobrenatural.

O que a autora quis dizer?

Que era uma farsa.
Não, ela não tinha um plano.
E a gente sabia disso o tempo todo.

Shamash

Quando isso acabar...

eu vou é escrever carta
de amor.

